

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR—J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Lisboa acolheu Eisenhower com expressivas manifestações de simpatia

O almirante Américo Tomás recebeu no aeroporto o chefe da nação americana

O avião presidencial, um «Boeing 707», esguio mas poderoso, cor-de-laranja, cinza e branco, tocou a pista às 10 horas exactas. A gigantesca ave metálica rolou no aeródromo, com os motores de jacto silvando vigorosamente. Executada a curva, o avião tomou a direcção da gare, junto da qual se deteve. O Sol foi coberto por nuvens que um vento intenso soprava.

O «Boeing 707» parou rigorosamente em frente da gare. E, como a saída dos dois Presidentes fora prevista para se fazer através da vedação de ferro para o terreiro, foi necessário deslocar a passadeira vermelha.

As portas do «Boeing» abriram-se. A primeira ostentava a insígnia do Presidente dos Estados Unidos. Uma escada da TWA foi empurrada até junto da entrada onde surgiu um oficial

norte-americano que orientou a manobra. Segundos depois, surgiu o Presidente Eisenhower que rasgou um largo sorriso.

Da vedação, onde se apinhava o povo, veio um clamor de júbilo. Estalaram palmas nos terraços da gare.

Eisenhower vestia um fato leve, fino, cinzento. Tropeçou levemente na escada, que depois desceu com rapidez. Tirou o chapéu claro e estendeu a mão ao embaixador Burke Elbrick e ao ministro Carreiro de Freitas, que o aguardavam. Sempre descoberto, com o seu sorriso característico, jovial e luminoso, o Presidente norte-americano di-



«Ike», sorridente, ao lado do almirante Américo Tomás, recebe as primeiras saudações do povo de Lisboa

(Continua na página central)

Troca de saudações entre os dois Presidentes

Pouco depois da chegada do Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, o Chefe do Estado português dirigiu ao Presidente Eisenhower as seguintes palavras de saudação:

«Sr. Presidente: Acaba Vossa Excelência de chegar a um País amigo e aliado e, ao dar-lhe as boas-vindas e ao desejar-lhe uma feliz estadia entre nós, estou seguro de interpretar com fidelidade os sentimentos afectuosos da Nação portuguesa e do seu Governo para com o povo americano e o seu presidente. Não será longa, infelizmente, a permanência de Vossa Excelência no meu País. Nem por isso, todavia, deixará o Presidente dos Estados Unidos da América de ter ensejo de verificar a alta consideração e respeito que lhe tributa o povo português — na sua qualidade de homem de Estado eminente e de infatigável paladino da Paz e da boa harmonia entre os povos, para cuja defesa Vossa Excelência não tem poupado esforços, nem recuado perante sacrifícios pessoais. É pois com extremo júbilo que recebemos a sua visita e lhe prestamos as nossas calorosas homenagens.

Senhor presidente, seja bem-vindo a Portugal!».

Na sua resposta, Eisenhower disse:

«Sr. Presidente da República: Muito agradeço as palavras tão amáveis de V. Ex.ª, ao desejar-me as boas-vindas a Por-

A ESQUERDA — Os dois presidentes, logo após a chegada de Eisenhower, apertaram as mãos, sorridentes. **A DIREITA** — Através de Lisboa, a caminho do Palácio de Queluz, o presidente americano retribuiu as saudações do povo.

tugal. Passaram nove anos desde a minha última visita a Portugal. Lembro-me daquele dia de Janeiro, debaixo do céu azul de Lisboa, quando pisei o solo de Portugal pela última vez. Lembro-me da magnífica impressão que tive, ao olhar para a cidade de Lisboa do miradouro do Parque Eduardo VII. E agora estou particularmente feliz por poder voltar a Portugal, no momento em que a Nação portuguesa comemora o V Centenário do Infante D. Henrique — esta nobre figura, cujos estudos, cujos trabalhos e cujas qualidades de chefe, tanto contribuíram para lançar a era dos descobrimentos.

E nós, os Estados Unidos, juntamo-nos ao povo português para comemorar esta grande figura da vossa História, que tanto contribuiu para enriquecer a nossa História no velho, como no novo Mundo. Por estas razões, estou particularmente feliz de estar novamente em Portugal. Também desejo dizer-vos que entre Portugal e os Estados Unidos não há nem problemas nem dificuldades. Ambos somos membros das Nações Unidas, membros da N. A. T. O., organização do Tratado do Atlântico Norte, esta aliança cujo único propósito é a defesa da paz e da segurança. E as nossas duas nações, apesar dos obstáculos colocados por outros no nosso caminho, continuarão a marchar para a paz e para a liberdade. Muito obrigado».

A N.A.T.O. apoiou a atitude assumida em Paris pelos Três ocidentais

PARIS, 19.—O conselho da N. A. T. O. reuniu-se hoje, em Paris, durante 90 minutos, para ouvir a leitura de um relatório sobre a mal-

(Continua na 12.ª página)

Diário de Lisboa
publica hoje
20
páginas
nas quais se inclui
«Vida Literária»

«Seria verdadeira loucura a divisão económica da Europa»

— afirmou o secretário do Comércio
na abertura da reunião da E. F. T. A.

Em atmosfera de grande expectativa, principiou esta manhã, no Palácio Foz, a conferência ministerial da Associação Europeia de Comércio Livre (E. F. T. A.), da qual depende o futuro económico da Europa Ocidental e, por consequência, também do nosso próprio País.

Pouco antes das 10 e 30, começaram a chegar as delegações dos sete países participantes na reunião. A primeira foi a da Suécia, com o ministro do Comércio, sr. Gunnar Lange, logo seguida da Suíça, com o presidente da Confederação e ministro dos Estrangeiros, sr. Max Petitpierre. A representação por-

(Continua na página central)



TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

VISADO PELA CENSURA

O superjacto que tem o nome do Infante D. Henrique inaugurou a nova carreira Nova York-Lisboa

No mesmo dia em que Portugal recebe a visita do presidente dos Estados Unidos, o nosso País fica mais próximo da América do Norte, com o estabelecimento da nova carreira da T. W. A., que, utilizando os aparelhos superjacto «Boeing 707» estabeleceu o «record» de voo entre Nova York e Lisboa, fazendo a ligação em 6 horas e 18 minutos.

Esta primeira viagem teve, para nós, ainda maior significado pela circunstância de ter sido baptizada com o nome de «Prince Infante D. Henrique», em oportuna homenagem ao navegador, no ano em que celebramos o quinto centenário da sua morte.

Missão itinerante da Acção Social

LEIRIA, 18.—Na sede da delegação da F.N.A.T., nesta cidade, efectuou-se a cerimónia de apresentação da Missão de Acção Social e seu material que irá percorrer todo o distrito de Leiria, a fim de prestar esclarecimentos sobre formação e informação da Previdência Social, junto das entidades patronais e dos trabalhadores.

Fazem parte da Missão os srs. drs. José Jorge da Assunção, Manuel Antunes dos Santos Romão e o motorista-projeccionista João Henrique de Deus Ribeiro.

A sessão de apresentação oficial teve a presença das autoridades civis, militares e religiosas locais, dirigentes corporativos, médicos ligados à organização da Previdência e outros.

Usaram da palavra os srs. drs. António Amaral, presidente da Comissão distrital da Junta de Acção Social, e dr. Jorge de Assunção que expôs os fins da Missão.

Pelos hospitais

ACIDENTE DE VIAÇÃO — O soldado da G. N. R. João Felizardo da Silva, motociclista da escolta que foi esperar o presidente dos Estados Unidos, ao passar na Rua Joaquim António de Aguiar foi embater com um dos carros da comitiva, caindo e colhendo nessa altura o emprego no comércio sr. Ricardo Chocho, de 47 anos, residente no Alto de S. Francisco, 11, rés-do-chão. Transportados ambos à sala de observações do Hospital de S. José, depois de tratados de leves escoriações recolheram às respectivas residências.

NECROLOGIA FALECIMENTOS

Fernando Mário Gonzalez Neto — Faleceu ontem o sr. Fernando Mário Gonzalez Neto, de 35 anos, natural de Lisboa, empregado de escritório, casado com a sr.ª D. Maria Celia Rita de Almeida Neto, filha da sr.ª D. Alice Maria Gonzalez Neto Pires.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 8 e 30, da igreja de S. Mamede para jazigo no cemitério do Estoril.

O PORTO pelo telefone

Roubo de materiais de construção

PORTO, 19 — O sr. Joaquim da Costa, da Rua Direita de Francos, 1129, queixou-se à Polícia contra um indivíduo da Rua do Monte, 19, acusando-o de lhe ter roubado materiais de construção no valor de trinta contos.

Automóvel contra um prédio

Na Rua Mouzinho da Silveira, um automóvel conduzido pelo empregado de escritório António de Castro, de 31 anos, casado, morador na Rua de Mira-Flores, 104, foi embater com um prédio. Em virtude do acidente ficaram feridos o condutor e duas senhoras que o acompanhavam.

Mau tempo no mar

Devido ao mau tempo, arribaram a Leixões todas as traineiras da pesca de arrasto á pescada.

Bacalhau para o Norte

Dos bancos da Terra Nova e da Gronelândia, entrou em Leixões o arrastão «Invicta», com cerca de dois mil quintais de bacalhau para o Norte.

Navio japonês em Leixões

A fim de proceder a operações de carga e descarga, entrou hoje em Leixões o vapor japonês «Koi-

gem ao navegador, no ano em que celebramos o quinto centenário da sua morte.

O gigantesco avião chegou ao aeroporto da Portela, pilotado pelo comandante Neal Lyttle, superintendente dos Serviços Técnicos do Jacto, com mais 10 tripulantes e trazendo um total de 98 passageiros, entre os quais o embaixador de Portugal em Washington, dr. Luis Esteves Fernandes, e o «mayor» de Fall River, dr. John Arruda, descendente de portugueses. A chegada foi assinalada por uma cerimónia, a que assistiram os srs. Robert Word, director da T. W. A. em Portugal, e R. Montgomery, vice-presidente de Vendas da Divisão Internacional, e outras individualidades dirigentes da mesma companhia e pelos convidados portugueses que participam no voo inaugural a convite da T. W. A.

O actor da televisão Vasco Silva, personificando a figura do Infante e vestido á época quinhentista, e uma comitiva de fidalgos, sob um pálido, com estandartes e bandeiras com as quinas de Portugal e grupos de charameleiros medievais, com seus trajes coloridos, porta-estandartes com as armas do Infante e a cruz de Cristo atravessaram a plataforma do aeroporto, precedidos de dois charameleiros, tocando tubas. Encaminharam-se para o local onde estacionara, após a aterragem, o avião. O actor Vasco Silva leu, então, na presença do comandante Lyttle e do co-piloto Marlin, antigo almirante da Marinha dos Estados Unidos e dos demais membros da tripulação e dos passageiros, o pergaminho, escrito em português e inglês, no qual se põe em relevo a notável acção do infante.

A seguir, o actor português entregou ao comandante e restantes membros da equipagem os pergaminhos, que foram enviados para todas as partes do Mundo. Depois, a cada um dos tripulantes do avião, foram oferecidas medalhas de ouro com a efígie de S. Cristóvão, padroeiro dos viajantes, assim como a todos os passageiros, tendo gravadas as seguintes palavras: «Primeiro serviço a jacto para Lisboa-Prince Infante D. Henrique, 19 de Maio de 1960», o que os torna navegantes universais do século XX, formando com o Infante um elo de 500 anos.

O avião da T. W. A. descolou do aeroporto para Roma, levando a bordo, como convidados daquela companhia, os srs. eng.ª Sampaio e Melo, em representação do ministro das Comunicações; dr. Goulart Madruga, pelo director-geral da Aeronáutica Civil; dr. Judice da Costa, pelo secretário nacional da Informação; eng.ª Barradas da Silva, pela Televisão Portuguesa; Carlos Alberto Pereira da Rosa, administrador de «O Século», e dr. José Gonçalves, administrador do «Diário de Notícias», que visitarão os Estados Unidos, pela rota polar, via Los Angeles.

ku Maru». E' de salientar que há cerca de vinte anos não entrava ali qualquer embarcação daquela nacionalidade.

CARTAZ DO PORTO

NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «O tio Vania», pelo T. E. P.
SA' DA BANDEIRA — A's 15 e 30 — 21 e 30 — «Arco do triunfo».
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Tempos modernos» e «Encontro com o Diabo»
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 - 30 — «O inimigo silencioso».
COLISEU — As 21 e 30 — «O círculo vicioso».
SÃO JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Fernandel, confidente de senhoras».
BATALHA — A's 21 e 30 — «A paixão de Afrodite».
VALE FORMOSO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O pequeno saltim bancos».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Mulheres Perigosas».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A bela mentirosa».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «O meu coração tem dois amores».
CIRCO MARIANO — As 21 e 45 (no Campo do Luso).

Na Azambuja, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Julio da Silva Bento.

Brigitte Bardot

volta a trabalhar com o ex-marido

PARIS, 19. — É a seguinte a lista definitiva dos projectos cinematográficos de Brigitte Bardot: Depois de interpretar um papel num filme de Clouzot, cujas filmagens terminam em breve, iniciará, em Setembro, a sua colaboração com Jean Aurel, em «Le Grand Dadis», depois do que, em 1961, deverá rodar sob a direcção de Marcel Camus, e, por fim, em Maio, para Vadim, seu ex-marido, em «Le repos du guerrier». — (A. N. I.).

Conselho Arbitral

do trabalho em Angola

LUANDA, 19. — Foi constituído o Conselho Arbitral do Trabalho para decidir as questões surgidas na Província entre patrões e empregados. Constituem-no Américo Augusto Aleixo, representando a Associação Comercial de Luanda; eng. Fernando Correia Pessoa, pela Associação Industrial de Angola; Jerónimo Augusto Soares, pela Associação dos Agricultores de Angola; Joaquim Lopes Faria, pela Associação dos Lojistas de Luanda; António Pires e Silvestre Meneses Jordão, pelo Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e da Indústria de Angola, e Herculano Afonso Antunes e António Augusto da Cunha, pelo Sindicato Nacional dos Motoristas, Ferrovieiros e Metalúrgicos de Angola. — (A. N. I.).

18.000 CONTOS

por um cavalo!

NOVA YORK, 19. — A quantia «record» de 600.000 dólares (cerca de 18.000 contos) foi paga pelo cavalo «Adios Butler», campeão das competições de 1959. O animal foi adquirido por um sindicato. — (R.).

Está em Lisboa o primeiro luso-americano eleito «mayor» nos Estados Unidos

De avião, chegou esta manhã a Lisboa, onde se desloca pela primeira vez, em visita oficial, a convite do embaixador dos Estados Unidos, do governador civil de Ponta Delgada e do presidente da Camara Municipal de Lagoa (S. Miguel), o sr. John Arruda, «mayor» da cidade de Fall River, no Estado de Massachussets, que é acompanhado dos seus assistentes Luis de Almeida, Bill Maia, Eduardo Camara, Manuel Lourenço de Sousa e Ted Tokarz.

O sr. John Arruda, que é o primeiro luso-americano a ser eleito «mayor» nos Estados Unidos, cargo que exerce há 3 anos, é uma das figuras de maior prestígio da colónia portuguesa na nação americana, filho de Portugueses de Lagoa, em S. Miguel. É a primeira vez que visita Portugal e, durante a sua permanência entre nós, terá oportunidade de visitar os srs. Presidentes da Republica e do Conselho e seguirá depois para os Açores em visita á terra onde seus pais nasceram.

No aeroporto, onde o sr. John Arruda foi cumprimentado pelo sr. dr. Manuel Rino, em representação

Movimento marítimo

O paquete Santa Maria partiu para o Funchal e América Central com 600 passageiros.

O «Conte Grande» chegou hoje da América do Norte com 1205 passageiros em transito e 206 para Lisboa, entre os quais alguns excursionistas franceses e italianos, que vão a Fátima. Para Nápoles embarcaram neste navio 26 professores e estudantes italianos que vieram a Portugal em viagem de estudo.

do S. N. I., falando aos jornalistas, o «mayor» de Fall River declarou-lhes que esta visita ao nosso País — «terra de meus pais que há tantos anos gostava de conhecer» — será para si uma alegria e um prazer.

— Estou muito entusiasmado — acrescentou — pois desde criança que pensava vir a Portugal. Era uma das minhas maiores ambições. Trago comigo as saudades de meus pais e levar-lhes-ei, no meu regresso, a alegria que vou sentir por conhecer a terra onde nasceram.

Cinemas

ALGUEIRÃO — Cine-Teatro Cha-by — As 21 e 15 — «Toda a cidade acusa» (12 anos).

AMADORA — Recreios — As 21 e 15 — «Quarta-feira de cinzas» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-Cinema — As 21 e 15 — «Gangsters» falhados e «Herói e traidor» (12 anos).

SINTRA — Sintra-Cinema — As 21 — «Quarta-feira de cinzas» (17 anos).

VENDA NOVA — Cine-Portugal — As 21 — «Táxi, roulotte e corrida» e «Ameaça de morte» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos — Rua Elias Garcia, 185. Tel. 930072. Flama — Rua Elias Garcia, 78-B (Venda Nova).

QUELUZ — Gil — Avenida Miguel Bombarda, 4. Tel. 950117.

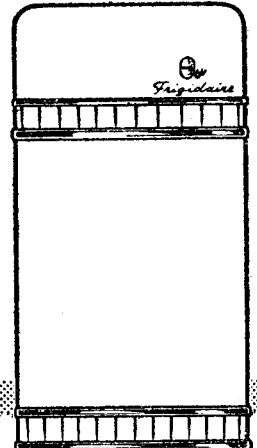
SINTRA — Marrazes—Largo Raíha D. Amélia, 25. Tel. 980155.



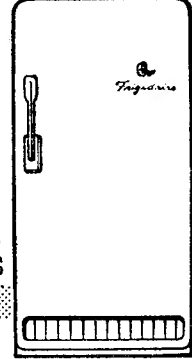
FRIGIDAIRE

Estes dois modelos possuem as magníficas qualidades que criaram o renome mundial dos frigoríficos FRIGIDAIRE.

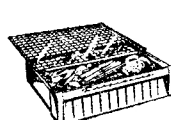
Incomparável poder de refrigeração
Máximo aproveitamento de espaço
A maior economia de consumo



Cap. 260 L.
Preço Esc. 9.950\$



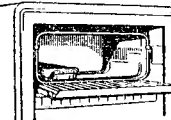
Cap. 140 L.
Preço Esc. 6.250\$



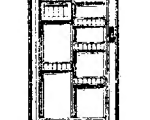
Espaçosa Gaveta Hidratadora com frio húmido para frutas, hortaliças e legumes.



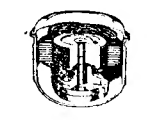
Vantagem exclusiva Frigidaire: o gelo é retirado do tabuleiro de um só golpe.



Ampla congeladora a toda a largura, para conservar mais produtos congelados.



Porta com grande arrumação. Compartimentos para manteiga e queijo.



O famoso "Poupa-corrente" exclusivo da Frigidaire não consome mais que uma lâmpada vulgar.

Concessionários nas principais cidades do País.

PRODUTOS DA GENERAL MOTORS

Concessionários no distrito de Lisboa para venda e assistência técnica

FRIAL

Rua Gonçalves Crespo, 26, A e B (ao Conde Redondo) TEL. PPC 73 44 48

Consulte a nossa tabela de pagamentos a longo prazo

PERFUMARIA CEZAL

FUNDADA EM 1910

Grande sortido de perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial: sabonetes Franceses e Ingleses. Pinaud, Palmolive, etc.

A célebre pasta dentífrica Colgate a 19\$80 cada, Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs, Gillette, de fabrico de origem, etc.

RUA DO COMERCIO, 12 e 14
TELEFONE 26498 LISBOA

HOTEL EMBAIXADOR

apresenta no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

Um dos mais famosos conjuntos vocais da França

«LES 4 DE PARIS»

e uma proeza de elasticidade

ROSE WANG

DOMINGO: «Matinée» com atracções. Chá completo 25\$00 (Majores 17 anos)

PAGINA 2 * Diário de Lisboa

Quinta-feira, 19 de Maio de 1960

De ontem para hoje

INSTALAÇÃO PARA VIVER

A instalação para viver é preocupação que tem acompanhado sempre o Homem, através dos tempos. Mas, nos nossos dias, essa preocupação, acentuada por motivo de factores diversos de ordem material e social, assumiu importância crescente, que exige também mais cuidada atenção. No mesmo dia, registamos, em sectores diferentes da vida nacional sinais evidentes dessa preocupação dominante. O ministro das Finanças, que ao assunto tem dedicado especial interesse — com um apurado sentido das realidades e com o seu perfeito sentimento das necessidades humanas — tomou disposições para pôr em prática o estabelecido no decreto que se refere ao plano de construção em Lisboa de novas habitações de rendas acessíveis aos agregados familiares mais fracos. E, assim, designou a Caixa Geral de Depósitos e o Cofre de Previdência do Ministério das Finanças para promoverem a construção de casas para 348 e 94 fogos, respectivamente, destinados a funcionários do Estado, pessoal da P. S. P. e associados da última daquelas instituições. Também o sr. prof. Pinto Barbosa autorizou a C. M. L. a contrair, na Caixa Geral, um empréstimo de 200 mil contos para a urbanização de novas zonas habitacionais da cidade. Aliás, na própria Câmara, o problema teve ontem, precisamente, o seu justificado reflexo, quando, na sessão normal, o vereador Gonçalves Lourenço fez considerações acerca da incidência do preço das rendas nos orçamentos familiares, e apontou certos erros na distribuição de terrenos para casas de renda económica, bem como as fraudes que se estão a verificar, no sentido de iludir as intenções que ditaram a política habitacional, estabelecida, pelo que se refere ao aluguer de casas de rendas limitadas. Finalmente, cite-se a decisão do ministro das Corporações que nomeia uma comissão para proceder ao estudo de problemas relacionados com a habitação. Que o problema faz parte das preocupações das mais diversas entidades responsáveis, está, pois, manifestamente provado. Só é de desejar que a essas preocupações corresponda, na execução um espírito de perfeita compreensão dos objectivos em vista e das determinantes da ordem social que estão na sua origem.

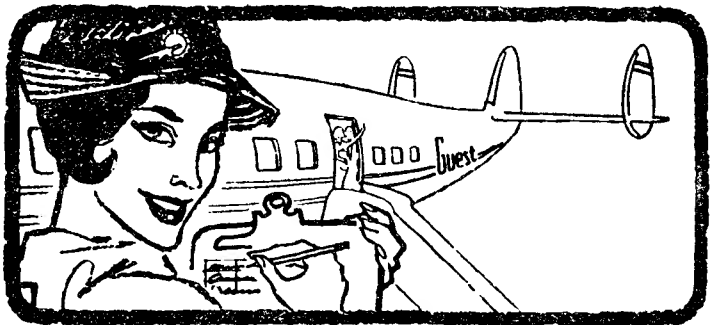
FEIXE DE NOTÍCIAS

NAO pode deixar de assinalar-se, com especial referência, o papel que está a exercer a Fundação Gulbenkian nos mais diversos campos da vida nacional e a sua valiosa contribuição para a melhoria do nível cultural do nosso povo — sem dúvida um dos problemas fundamentais com que deparamos na luta pelo progresso do País. A iniciativa de um curso de História de Arte, no Museu de Arte Antiga, que se deve àquela instituição, insere-se no programa dessas realizações e a forma como o está a fazer o prof. Artur Gusmão, que ontem falou da arte da Grécia e de Roma, corresponde aos objectivos em vista.

* As forças vivas de Ferreira do Zêzere, com o governador civil de Santarém, convidaram o Chefe do Estado a deslocar-se àquela vila, donde era natural o pai do sr. almirante Américo Tomás, e o Presidente da República, que tantas visitas tem feito às mais diversas regiões do País, prometeu que não deixaria de ali passar, na primeira oportunidade.

JORNAL PEQUENO

REUNIU-SE o Conselho Económico, para aprovar os termos em que decorreu a execução do programa do primeiro ano do Plano do Fomento na Metrópole. * O Chefe do Estado recebeu, no Palácio de Belém, o ministro da Saúde e o prof. Daniel Barbosa. * O chefe do Governo, que trabalhou ontem com o secretário de Estado do Comércio, recebeu o presidente da Confederação Helvética. * Em Albarrol (Nisa) o lavrador Joaquim Lopes Esteves foi vítima de um roubo de 30 contos, e o caso causou grande consternação no seu lar, provocando tal abatimento na mulher, Laura Esteves, que esta adoeceu e passou a desmaiar, com frequência. Foi o que lhe aconteceu quando estava a tirar água de um poço, a cujo fundo caiu, morrendo afogada. * Também morreu afogada num afluente do rio Ave, Maria Goretti, de 3 anos, que caiu à água, sem que fosse possível salvá-la.



Voe pela Guest — 1.º serviço DIRECTO. Lisboa-Miami-México. Novo padrão de serviço em aviões. Cozinha requintada. Conforto.

Consulte a sua Agência de Viagens ou a



Guest Aerovias México

R. Joaquim António de Aguiar, 41 r/c E. - Tel. 40180 - Lisboa

De passagem por Santarém, almoce ou jante no RESTAURANTE DA CAMIONAGEM RIBATEJANA.

ALGÉS — Nifo — Av. Combatentes da Grande Guerra, 81, T. 012070.

Farmácias de serviço

CASCAIS — Cordeiro — Rua Frederico Arouca, 16. Tel. 080170.
ESTORIL e MONTE — Costa — Av. Sabóia. Monte. Tel. 060085.
OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis, 98. Tel. 043090.
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 184. Tel. 042034.
PAREDE — Grincho — Av. Republica, 87-A. Tel. 047204.

Cinemas

ALGÉS — Stadium — Às 21: «Tó no inferno» e «Contos romanos» (17 anos).
CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «A rua do pecado» (17 anos).
ESTORIL — Casino — Às 21 e 30: «A pesca de um marido» (17 anos); «Associação dos Bombeiros» — Às 21: «O grande inimigo» (12 anos).
OEIRAS — Cine — Às 21: «Fugitivo do inferno» (17 anos).
PAREDE — Royal — Às 21 e 15: «A selva em armas» e «Vida por vida» (12 anos).

MARLENE

o chapéu alto
e os impostos

COPENHAGUE, 19. — Um chapéu alto pode ser motivo para impostos elevados, para a classificação de espectáculos e até para acções judiciais, segundo ficou demonstrado na recente actuação da artista Marlene Dietrich nesta cidade.

Para efeitos de tributação de impostos, o empresário Richard Stangerup classificou como «concerto» o espectáculo no qual actuou Marlene. Porém, como a artista se apresentou, num dos números, com um chapéu alto, a Repartição dinamarquesa de Impostos considerou a classificação errada e, designando o espectáculo como «variedades», colectou o empresário em 17 por cento de imposto sobre a receita bruta.

Stangerup considera valor muito elevado para um simples chapéu alto e recorreu aos tribunais. — (A. N. I.).

Juramento de bandeira

na base de S. Jacinto

AVEIRO, 19 (Pelo telefone). — Vindos do aeroporto da Portela num «Dacota» militar, chegaram às 11 e 15 à base de S. Jacinto os srs. brigadeiros Ponte Rodrigues, director dos Serviços de Recrutamento e Instrução da Força Aérea, e Mira Delgado, adjunto, a fim de presidirem ao juramento de bandeira de 36 alunos pilotos do curso elementar P 2-1959, que foi dirigido pelo sr. major Cruz Novo.

Recebidos pelo comandante da base, coronel Norton Brandão; pelo chefe do distrito e outras autoridades, presidiram ao acto, proferindo a allocução o aspirante Alcino Loureiro e lendo a fórmula do juramento o 2.º comandante da base, seguiu-se um desfile e exercícios.

Fragata «Diogo Cão»

Em viagem para o Algarve, partiu hoje a fragata «Diogo Cão», que transporta a bordo coronéis e professores do curso dos Altos Estudos Militares, que ali vão realizar exercícios. A fragata regressa amanhã a Lisboa.

COMPRE

VOLKSWAGEN

E COMPRA O MELHOR

sempre *jóven...*



uma característica do

VOLKSWAGEN

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 74 — TELEF. 366751 (7 linhas)

SÃO JORGE
TELEF. 54153
54154

PARA INAUGURAÇÃO DA NOVA TEMPORADA DE VERÃO
O ESPECTÁCULO CINEMATOGRAFICO MAIS FABULOSO DE TODOS OS TEMPOS!

HOJE ESTREIA

A HISTÓRIA DE UM AMOR
QUE QUEBROU PRECONCEITOS
E CHOCOU O MUNDO

«CLOUS» SENSACIONAIS:

- OS RITOS PAGÃOS
- A PERSEGUIÇÃO À RAINHA DO SABÁ
- O ATAQUE DOS CARROS DO FARAÓ
- A LUZ QUE CEGA
- A QUEDA NO ABISMO DAS HOSTES EGÍPCIAS
- A CÓLERA DO CÉU
- A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO
- A CARAVANA DA RAINHA DO SABÁ
- OS TESOUROS DO ORIENTE
- A JUSTIÇA DO REI SALOMÃO
- O CONSELHO DE GUERRA DOS QUATRO REIS

ADULTOS
(MAIORES DE 17 ANOS)

TECHNICOLOR®

YUL BRYNNER

GINA LOLLOBRIGIDA

UM FILME
GIGANTESCO
DE
SURPREENDENTE
ESPLendor
QUE CUSTOU
SEIS MILHÕES
DE DÓLARES!

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO

DE
KING VIDOR

COM

GEORGE SANDERS

MARISA PAVAN

DAVID FARRAR

PRODUZIDA POR

TED RICHMOND

HISTÓRIA DE

CRANE WILBUR

ARGUMENTO CINEMATOGRAFICO DE
ANTHONY VEILLER, PAUL DUDLEY

E
GEORGE BRUCE

TECHNIRAMA®

UMEXCLUS.

UM FILME DA
UNITED ARTISTS

Salomão e a Rainha do Sabá

AVISO

Este filme será exibido apenas
em 2 espectáculos diários:
Às 15.15 e 21.30

AVIS

Exclusivo DOPERFILME

Amanhã — ESTREIA

às 21.45
(12 ANOS)

A primeira película que oferece ao Mundo
uma visão nova, sentida, profunda e genuinamente castiça da Espanha eterna!

Uma Espanha nunca vista até hoje num
filme que trata pela primeira vez um tema
espanhol em linguagem universal



Realização de Enrico Gras e Mario Craveri

COM

FERNANDO LENAN GOMEZ

GERMAN COBOS

PILAR CANSINO

SOLEDADE
FERRANIACOLOR
CINEMASCOPE

O POVO ESPANHOL!

CONDES

UMA NOTÍCIA SENSACIONAL
AMANHÃ ESTREIA

DUAS HORAS DE
MÚSICA INESQUECÍVEL
PARA TODOS!

UM CASO EXTRAORDINÁRIO!
DA MÚSICA MODERNA!

MAIORES DE 12 ANOS

TOMMY STEELE

Tommy Rei do Rock!

OUÇA OS TRECHOS
MAIS POPULARES
★
"TAKE ME BACK BABY"
"I LIKE"
"BUTTERFINGERS"
"A HANDFUL OF SONGS"
"WATER, WATER"
"YOU GOTTA GO"
"CANNIBAL FET"
"WILL IT BE YOU"
"TWO EYES"
"BUILD UP"
"TIRE TO KILL"
"ELEVATOR BOON"
"TEENAGE PARTY"
"DOGGSDAY ROCK"

THE STEELMAN
HUMPHREY CARTERSON BAND
FRANK McDEVITT SKIFFLE GROUP
THE RANCY WHISKY
TOMMY EYLL CALYPSO BAND
CHRIS O'BRIEN'S CARIBBEANERS
AND
LISA DANIELY

JANTE OU CEIE **VIELA**
N A

R. das Taipas, 14 — Telef. 27256
RESTAURANTE REALMENTE TÍPICO
HOJE em ESTREIA

BERTA CARDOSO

A voz de ouro do nosso Fado
PARA ADULTOS

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Tel. 24448

ROMA

A's 15,30 e 21,45
(Adultos)



JEAN GABIN no mais perfeito
trabalho da sua grande carreira

**4.ª semana
e última!**

O Inspector Maigret Acusa:

Um destes seis indivíduos é o responsável e o causador da morte da condessa de Saint-Fiacre, durante o Ofício das cinzas!

*
REALIZAÇÃO
DE
**JEAN
DELANNOY**
*
TALMA FILMES



Teatro radiofónico

Hoje, às 22 horas, a Emissora Nacional transmite a peça radiofónica «Lentes molhadas em olhos de gente», original de Manuel Azambuja, interpretada pelos artistas Carmen Dolores, Gina Santos, Assis Pacheco, Alvaro Benamor e Jacinto Ramos.

Em Algueirão, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Vitor Manuel Pires da Silva.

Teatro de amadores

«Ao cantar da pardalada»

O conjunto cénico infantil do Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», estreia depois de amanhã, às 22 horas, e repete em 4 de Junho a fantasia em 2 actos e 20 quadros, «Ao cantar da pardalada», original de Eduardo Borges, com música de Corina Freire, e encenada, ensaiada e com coreografia de Alexandre Rainha.

CINEMA MONUMENTAL FINALMENTE HOJE, às 21,30

ESTREIA DA ENGRAÇADÍSSIMA COMÉDIA
DA LEO FILMES ESTÚDIO
O PROFESSOR AZARENTO



com **IAN CARMICHAEL** (o novo grande cómico inglês)
E **HUGH GRIFFITH** («OSCAR» DO MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO)
NO PALCO, a maior atracção musical da actualidade
O QUARTETO DE

M
A
R
I
N
O



M
A
R
I
N
I

**RIGOROSO EXCLUSIVO DESTES CINEMA
EM 8 ESPECTÁCULOS QUE FICARÃO MEMORÁVEIS**
DE 19 a 25 NAS SESSÕES DAS 21.30
E NA «MATINÉE» DAS 15.15 DE DOMINGO 22

Como complemento será exibida uma extraordinária reportagem da inauguração de «BRÁSILIA»

PREÇOS QUASE NORMAIS—A VENDA OS BILHETES QUE RESTAM
— Não se aceitam marcações —

ATENÇÃO — O CONJUNTO DE MARINO MARINI COMEÇA A ACTUAR POR VOLTA DAS 22 H. E NA «MATINÉE» DE DOMINGO PELAS 15.45

2ª SEMANA NO POLITEAMA DUM DOS MAIORES ÊXITOS DO NOSSO TEMPO

DE QUE TODA A GENTE FALA ENTUSIASMADA!
UM MONUMENTAL FILME DE AVENTURAS E DE PRODÍGIOS DO
GENIAL JÚLIO VERNE: CÉLEBRE AUTOR DE «A VOLTA AO MUNDO
EM 80 DIAS» E «20.000 LÉGUAS SUBMARINAS»

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA



com
PAT BOONE **JAMES MASON** **ARLENE DAHL** **DIANE BAKER**



PRODUTOR
CHARLES BRACKETT • **HENRY LEVIN**
ARGUMENTO DE
WALTER REISCH e **CHARLES BRACKETT**

MAIORES
DE 12 ANOS

Gás Cidla

Esquentadores — Fogões

Repara e transforma, Rua Latino
Coelho, 79. Tel. 57278.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

IMPÉRIO

COMEMORAÇÕES DO 8.º ANIVERSARIO

TERÇA-FEIRA, 24 DE MAIO
(Às 18,30 horas)

RECITAL CHOPIN
pela grande pianista persa

TANIA ACHOT
(Às 22 horas) (M. 6 anos)
CONCERTO PELA

**MELHOR ORQUESTRA
DE JAZZ DO MUNDO**

QUINCY JONES

QUARTA-FEIRA, 25 DE MAIO
(Às 18,30 horas)

2.º CONCERTO DE

QUINCY JONES

Dedicado aos Universitários

(Às 23,45 horas)

3.º E ÚLTIMO CONCERTO

Bilhetes à venda

DE TARDE: (M. 6 ANOS)

À NOITE: (M. 12 ANOS)

Coliseu

Hoje, estreia de um sensacio-
nal programa de cinema com
os grandes filmes «Texas» e
«Batalha do Rio da Prata»

O Coliseu apresenta hoje no seu
gigantesco ecran panoramico um
extraordinário e surpreendente pro-
grama duplo de cinema com as
grandes super-produções «Texas»,
uma aventura inolvidável, um fil-
me empolgante e espectacular com
Gleen Ford, William Holden e Clai-
re Trevor e ainda a extraordinária
e emocionante epopeia marítima
«A batalha do Rio da Prata», em
vistavision em technicolor com John
Gregson e Peter Finch.

Cineclubismo

«Os que sabem morrer»,
numa sessão do ABC

Amanhã, às 18 e 40, no Cinema
Monumental, haverá mais uma ses-
são do ABC Cine-Clube de Lisboa
integrada no estudo que tem vindo
a realizar dos géneros cinemato-
gráficos. Será exibido o filme «Os
que sabem morrer» (Men in War),
de Anthony Mann, sobre argumen-
to de Philip Yordan. Os intérpretes
principais Robert Ryan, Aldo Ray
e Robert Keith.

TEATRO MONUMENTAL

Espectáculos
Vasco Morgado,
Ld.
Telef. 55133
Adultos maiores
de 17 anos
Hoje, às 21.45 h.
4.ª SEMANA
Uma história
engraçada
para rir...

EU NÃO SOU EU

No elenco:
IRENE ISIDRO,
HENRIQUE SANTANA
Augusto Figueiredo, Henrique
Santos, Joaquim Miranda, Car-
men Mendes
Preços desde \$500
Dom. à tarde às 16 h.

Sábado e domingo à tarde,
às 18,30 horas
Teatro para crianças
O VALENTE GONDALIM
(P/M/4 anos)

PAGINA

r
luz
Ajuda



z foi surpreendida pelo espectáculo inédito da aterr-
rgo da vila

ede da ae-
os da Poli-
lanças en-
melhas. A
ou de novo
a pontecado

o a
lke»

thã o pre-
s. A cida-
pular, en-
na rua,
de solda-

ção norte-
qualidade,
mundial,
das suas
quietantes.
udo, para
go sorriso
es e forte,
is porque
e o aéro-
Pacheco,
a clamor
to espon-
quenta es-
americana
a, que se
intenso,

rua toda
que, ape-
s, simples,
passagem
das entra-

no não se

publicas,
grande
presas in-
is as suas
os pudes-
nte Eise-

se general
do povo
i arrastar
seu carro
mais ex-

iquadas?
troca-las
elos
ARIA

57

vender
Encar-
dades.

P. C.

O futuro económico da Europa Ocidental em discussão no Palácio Foz

(Continuação de 1.ª página)

tuguesa, tendo á frente o secretário de Estado do Comércio, dr. Corrêa de Oliveira, acompanhado dos subsecretários de Estado do Tesouro e do Comércio, dos directores-gerais do Comércio, dos Negócios Económicos e Consulares, dos Serviços Agrícolas, dos Serviços Industriais, das Alfandegas e das Contribuições e Impostos e outras individualidades surgiu em terceiro lugar, seguida das da Inglaterra, Dinamarca, Noruega e Austria.

Os ministros repousaram e conversaram em várias salas linda e suavemente decoradas, antes de ingressarem na sala da conferência. Aqui houve um breve período reservado aos repórteres fotográficos e operadores do cinema e da televisão, já com os delegados sentados na longa mesa de trabalho.

Na presidência, o ministro do Comércio da Suécia, que é também presidente do conselho ministerial da E. F. T. A. Nas primeiras filas, os ministros dos Negócios Estrangeiros e do Comércio e Reconstrução, da Austria; dos Negócios Estrangeiros, da Dinamarca; do Comércio, da Inglaterra; do Comércio e Marinha Mercante, da Noruega; secretário de Estado do Comércio e subsecretários do Tesouro e do Comércio, de Portugal; ministro sem pasta, da Suécia; presidente da Confederação e ministro da Economia, da Suíça. Atrás cerca de sete dezenas de funcionários.

Antes de principiarem os importantes trabalhos, que se desenvol-

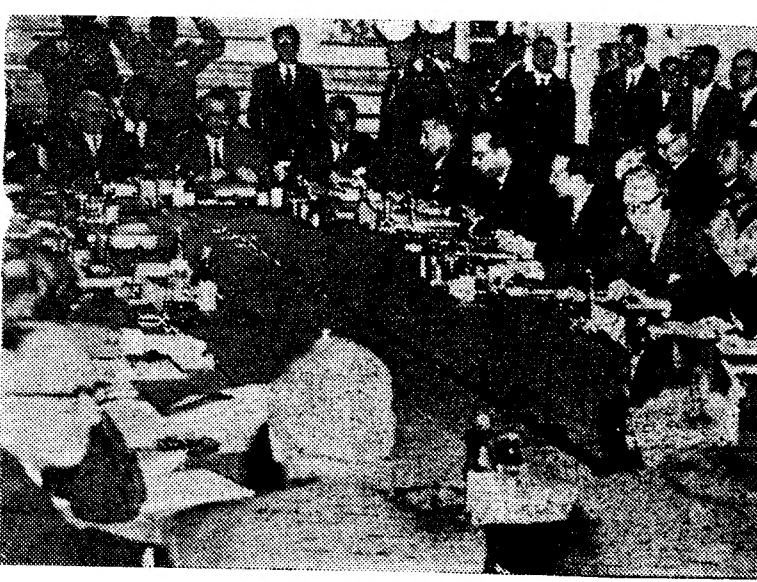
veram em reunião secreta, e prosseguem esta tarde e amanhã, o sr. dr. Corrêa de Oliveira proferiu um discurso. Começou por saudar os delegados estrangeiros, em nome de Portugal e da delegação portuguesa. Depois disse:

— Não sei quais serão em definitivo, as questões sobre que teremos de tomar posição. Por outro lado, há muito nos habituámos neste conselho — e isso constitui a nossa grande força — a que as posições iniciais de cada delegação nunca sejam irredutíveis e só valham verdadeiramente na medida em que contribuam para a formação de uma vontade comum. Para a formação de uma vontade livremente querida por todos e cada um de nós.

Nestas condições, para o mundo exterior a este conselho interessa muito pouco saber quais as posições iniciais de cada delegação. O que importa, o que conta é a posição final comum. E' neste espírito que me permitirei focar alguns pontos que a delegação portuguesa gostaria de ver considerados.

Em seguida, referiu-se aos problemas da E. F. T. A.:

— Esta reunião de Lisboa é a primeira depois da ratificação da Convenção. Ao mesmo tempo, o nosso conselho realiza-se num momento da vida internacional que, se por um lado é extremamente sombrio, por outro lado, e por esse facto mesmo, projecta sobre os problemas europeus a luz que melhor permite avaliar a sua gravidade e encontrar o caminho da sua solução. Na verdade nunca melhor



A delegação portuguesa. Na primeira fila, da esquerda para a direita, subsecretário do Tesouro, o secretário do Comércio (que a chefia), e o subsecretário do Comércio

do que nos momentos difíceis se pode avallar a verdadeira loucura que seria uma divisão económica da Europa, com o consequente enfraquecimento da coesão política ocidental.

«No seu conjunto a Europa da O. E. C. E. constitui hoje uma força económica que se situa em plano semelhante á dos Estados Unidos ou da Russia. Unida, a Europa é hoje um factor decisivo do equilíbrio mundial. A divisão não pode por isso interessar a nenhum país europeu. A divisão não pode por isso interessar também aos Estados Unidos que precisam e têm o direito de ter a seu lado para a defesa da civilização atlantica uma Europa que não é já a Europa doente de 1947 mas sim um corpo que de novo e com a ajuda americana reencontrou a plenitude da sua força física e intelectual.

«Nós desejamos por isso, vivamente, o entendimento europeu. Mas esse entendimento só será verdadeiramente fecundo se traduzir a justa conciliação dos interesses em presença. Isto é, consideramos que devem ser aproveitadas todas as oportunidades e devem ser utilizados todos os recursos para o estabelecimento de um acordo digno deste nome. Mas pensamos também que não devemos forçar nem as circunstancias nem as realidades. Uma má solução para os problemas a curto termo pode tornar impossível uma boa solução para os problemas a longo termo.

«A delegação portuguesa pensa igualmente que, na presente conjuntura, uma das maiores contribuições que os países representados á volta desta mesa podem fazer para a verdadeira união europeia é justamente a integral realização dos fins que a nossa as- ciação se propõe».

Acerca da finalidade da reunião de Lisboa, disse o secretário de Estado do Comércio:

— Entendemos que um dos primeiros objectivos da reunião de Lisboa deveria ser o estudo dos instrumentos adequados ao total ap-

(Continua na 11.ª página)

Conferência em Coimbra pelo almirante

Sarmiento Rodrigues

Encerra-se amanhã, ás 21 horas, o ciclo de conferências comemorativo do ano henriquino promovido pela Associação Académica de Coimbra. Durante a sessão solene de encerramento, que se efectua na Faculdade de Letras daquela cidade, o sr. almirante Sarmiento Rodrigues proferirá uma conferência intitulada «O Ultramar na vida da Nação. Esboço de uma política nacional».

Etiquetas de fósforo Nacionais e Estrangeiras

OFERTAS E INDICAR PREÇO

Delegação do

«Diário de Lisboa» — Porto

JÓIAS ANTIGAS

E MODERNAS

compra cobrindo todas as ofertas

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Tel. 24564



«Ike» cumprimenta o conselheiro Albino dos Reis, depois de saudar o prof. dr. Oliveira Salazar

O cortejo presidencial

Por entre vibrantes aclamações o cortejo presidencial pôs-se em marcha.

Os dois chefes de Estado tomaram lugar no «Rolls-Royce» da Presidência da Republica, sobre cuja capota se viam duas bandeiras, uma nacional e outra americana. No mesmo automóvel sentou-se o oficial norte-americano que traduziu o discurso de Eisenhower.

O cortejo era constituído por dezasseis veículos. O automóvel presidencial era precedido por um carro-piloto do Exército português e um carro de segurança. Seguiam-no forças a cavalo da G. N. R. e automóveis com agentes da Polícia ame-

O aborrecimento de Eisenhower perante a atitude assumida por Kruchtchev, em Paris

Dezenas de jornalistas portugueses e estrangeiros, além de representantes da Rádio e da TV, assistiram hoje, á conferência de Imprensa, concedida pelo sr. Hagerty, chefe dos Serviços de Imprensa da Casa Branca, que se efectuou numa sala do Hotel Ritz.

Ladeado pelo dr. Tavares de Al-

meida, chefe da repartição de Imprensa do S. N. I., pelo sr. Joe Castillo, adido da Imprensa á Embaixada dos E. U. A., em Madrid, e major Moura (intérprete), o sr. Hagerty começou por fazer algumas declarações respeitantes á via-

(Continua na 11.ª página)

Dimiz Mod. Minerva

ESPECIALIZADOS HÁ 30 ANOS EM:

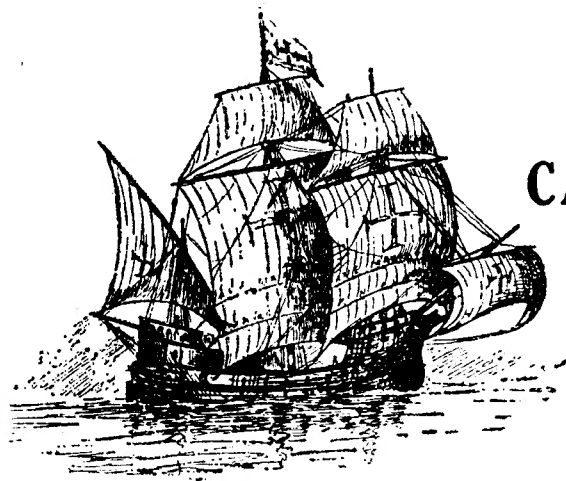
CONSTRUÇÕES FRIGORÍFICAS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS - FABRICOS DE GELO DE GRANDES E PEQUENAS QUANTIDADES - ARREFECEDORES DE CERVEJA - ARREFECEDORES DE ÁGUA - ARMÁRIOS FRIGORÍFICOS - CAMARAS DESMONTÁVEIS - CAMARAS FIXAS - CONSERVADORES - SORVETEIRAS - VITRINES - BALCÕES

SEDE: AVENIDA DA LIBERDADE, 216-218 - TELEF. 732152/3/4 - LISBOA
SUCURSAL: AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO, LOTE 439 - TELEF. 728964 - LISBOA

VOLTOU
ELVIS PRESLEY
ACABA DE CHEGAR
O SEU ÚLTIMO DISCO

«STUCK ON YOU»
«FAME AND FORTUNE»
47-7740-35\$00

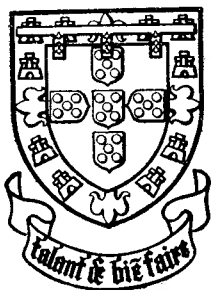
*
A VENDA NAS CASAS
DA ESPECIALIDADE



1460
CARAVELA



1960
SUPERJACTO



On this the nineteenth day of May 1960, five hundred years after the death of Prince Henry the Navigator, the Captain and crew of the Trans World Airlines jet aircraft "Prince Infante D. Henrique" have crossed the great Atlantic Ocean from North America to Portugal to commence the most rapid navigation of this passage ever before undertaken in regular service, using navigation techniques directly descended from the early concepts of that magnificent personage of Portuguese history the Prince Infante D. Henrique, whose caravels opened new worlds to the World.

1460-1960. Two dates, two eras which will be emblazoned in golden letters in the history of humanity.

Neste dia de 19 de Maio de 1960, quinhentos anos depois da morte do Príncipe Henrique, o Navegador, o comandante e tripulação do avião a jacto da Trans World Airlines, a que se deu o nome de "Príncipe Infante D. Henrique", atravessaram o Oceano Atlântico, da América do Norte para Portugal, iniciando a mais rápida travessia até agora realizada, servindo-se dos meios técnicos de navegação que foram legados por esse insigne vulto da história de Portugal, o Príncipe Infante D. Henrique, cujas caravelas deram novos mundos ao Mundo.

1460-1960. Duas datas, duas eras, que ficam assinaladas com letras de ouro na história da humanidade.



É com orgulho que a TWA se associa às Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique.

A partir de hoje, pela primeira vez, Portugal e a América ligados, directamente, por aviões a jacto.

Seis serviços semanais ligando Nova York - Lisboa e Lisboa - Roma.

O superjacto da TWA ultrapassa a barreira do tempo: 6 horas e 20 minutos Nova York - Lisboa!

O superjacto da TWA voa a uma altitude de cruzeiro de 10.000 metros, mas os passageiros não têm a mais pequena perturbação das grandes altitudes.

Um conforto e um serviço a bordo só comparáveis ao melhor hotel de luxo.

TWA SuperJactos*

* exclusivo da TWA

Consulte o seu agente de viagens ou a

TWA

Av. da Liberdade, 256
LISBOA - Telef. 5 81 23



AVISO AO PÚBLICO

A FIM DE SATISFAZER INÚMEROS PEDIDOS E INDO AO ENCONTRO DO DESEJO MANIFESTADO POR GRANDE NÚMERO DE ENTIDADES OFICIAIS E PARTICULARES, A EMPRESA DESTA CINEMA DECIDIU PROMOVER DURANTE UMA SEMANA

SESSÕES DE DIVULGAÇÃO DE BAILADO A PREÇOS REDUZIDOS

TODOS OS DIAS AS 18.30 HORAS COM A 1.ª PARTE DE

O Ballet Real

O LAGO DOS CISNES
O PÁSSARO DE FOGO

COM A INCOMPARÁVEL
MARGOT FONTEYN

NO PROGRAMA, A PEDIDO

CASAMENTO NA PRIMAVERA

AS MAIS BELAS E COLORIDAS IMAGENS DO CASAMENTO DA PRINCESA

AGORA
PARA MAIORES DE 12 ANOS

AMANHÃ, AS 18.30 — 1.º ESPECTÁCULO

TEATROS E CINEMAS

Atras do reposteiro

- Consta que só ontem foi assinado o contrato da exploração do Teatro Variedades a uma empresa formada pelos actores Francisco Ribeiro e Henrique Santana.
- Está no Porto, o empresário Vasco Morgado a tratar de assuntos, que se relacionam com a vinda a Lisboa do elenco do Teatro Experimental daquela cidade.
- No Parque Mayer, foram já colocados os cartazes publicitários da nova companhia que, em Setembro, inaugura a temporada com a revista «Ver, ouvir e cantar».
- Na TV, entrou em ensaios a peça de Figueiredo Barros «Sino roubado», interpretada por Carlos José Teixeira, Elvira Velez, Emilio Correia e Luis Filipe.
- A artista Fernanda Maria deixou de pertencer ao elenco privativo do restaurante típico onde actuava há cerca de três anos.

Primeiras exhibições

«O Primeiro Amor», no Império

O incansável realizador Mário Camerini, um dos pilares do cinema italiano, somou agora mais uma interessante película ao rol dos seus êxitos: «O Primeiro Amor» («Primo Amore») ontem estreada no Império.

Filme desempenhado por um grupo de rapazes e raparigas ainda na adolescência — mas que mostram possuir as qualidades que caracterizam os bons artistas — «O Primeiro Amor» foi classificado entre nós para adultos (maiores de 17 anos). Se não haveria grande mal — no nosso entender — em que os adolescentes vissem esta comédia, não é menos certo que se deve recomendá-la aos pais — aos pais jovens e aos já grisalhos, pois o filme recorda-nos os anseios, os problemas e os sentimentos da gente nova, na idade em que verdadeiramente desperta para a vida.

E' que «Primo Amore» é um espectáculo sadio, fresco, natural, pleno de mocidade — essa mocidade

(Continua na página seguinte)

Domingo

22

de Maio

CAMPO PEQUENO

As

17.30

horas

FOI UM GRANDE ÊXITO

a abertura da bilheteira dos Restauradores, 7, para a grande corrida de

TOIROS ESPANHÓIS

da grande ganaderia de D. Emilio Arroyo, de Madrid

E DOIS TOIROS DE D. DUARTE ATALAIA

com os distintos e consagrados artistas

MANUEL CONDE, DAVID RIBEIRO TELES
VICTORIANO VALÊNCIA e JOSÉ TRINCHEIRA

FORCADOS DE ADELINO DE CARVALHO

PREÇOS DESDE 20 ESCUDOS

(MAIORES DE 6 ANOS)



A TOCA

DE
CARLOS RAMOS

T. FIEIS DE DEUS, 34 TEL. 23443
(BAIRRO ALTO)

DIRECCAO ARTISTICA DE FILIPE PINTO
HOJE — Mais uma noite de FADO ANTIGO

3 VOZES
FADISTAS
ESTILOS

ALFREDO MARCENEIRO — FILIPE PINTO

E
CARLOS RAMOS

EM PLENO ÊXITO A GRANDE REVELAÇÃO

MARIA DO ESPIRITO SANTO

E AINDA AS CONSAGRADAS FADISTAS

NATERCIA DA CONCEIÇÃO

e MARIA ROSA RODRIGUES

A COMPLETAR ESTE VALIOSO ELENCO DE FADO
OS MAIORES ARTISTAS EM GUITARRA E VIOLA

JAIME SANTOS e ALFREDO COSTA

MAIORES 17 ANOS

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS

DE HOJE

— **Salomão e a Rainha do Sabá** —

— **O professor azarento** —

S. JORGE

MONUMENTAL



15.15 - 18.15 (p. r.)

e 21.30 (M. 17 anos)

Em Cinemascope

COMEÇOU COM UM BEIJO

com Glenna Ford e Debbie Reynolds
Um filme picante gracioso, em Metracolor.



15.30 - 18.30 e 21.45

Maiores de 12 anos

2.ª SEMANA

Ultimos espectáculos do filme português colorido

Numa realização de Armando Miranda

O CANTOR E A BAILARINA

com Zeloni — Nancy Rinaldi — Leônia Mendes e Domingos Marques
Amãhã — Estreia — A's 21 e 45

OS ESPÍOES — Adultos — 17 anos



15.15 - 18.15 (p. r.)

e 21.30 — (12 anos)

3.ª SEMANA

O ídolo do publico

CANTINFLAS NO INFERNO

com Andres Soler e Miguel Arenas



15.30 e 21.45

(17 anos)

MARINHEIROS

EM TERRA

com Abbe Lane e Maurizio Arena
Em complemento: «O casamento da Princesa Margarida».



21.00 (M. 17 anos)

FIM DE SEMANA

NO ASCENSOR

O ÚLTIMO

AMANTE



21.00 (M. 17 anos)

QUANDO

O VENTO SOPRA

No prog.: O FALSO CULPADO



As 3 e 6.15 (a p. r.) e 9.30 da noite

(M. 17 anos)

Telefone 50595

Marina Viady e Robert Hossein
num misterioso filme de «suspense»

SEGREDO DA NOITE

Em complemento: Casamento na Primavera (colorido)



Hoje, as 21.30

2.ª semana triunfal

O famoso livro de Julio Verne numa realização formidável

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

com Pat Boone, James Mason e Arlene Dahl



15.15 (p. r.) e 21.45

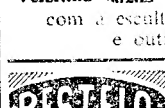
(M. 17 anos)

Em Cinemascope

Um filme picante, gracioso, hilariante

COMEÇOU COM UM BEIJO

com Glenna Ford e Debbie Reynolds



15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

Adultos (M/17 anos)

TOTÓ NA LUA

com a escultural Sylvia Koscina e outras belezas



21.15 (M. 12 anos)

Em Cinemascope

A FLOR QUE NÃO MORREU

cl. Audrey Hepburn



21.00 (M. 17 anos)

FLOR DE MAIO

TEATRO DO CRIME



A's 15.15 e

21.30 (Adultos)

Telefone 55134/5

Uma comédia de Mário Camerini que é um retrato jovial da mocidade do nosso tempo

O PRIMEIRO AMOR

Carla Gravina e Lorella de Luca
à frente de um grande elenco



A's 21.30 — Estreia

M/17 anos

BALCAO 54154

PLATEIA 54153

SALOMÃO E A RAINHA DO SABÁ

Technicolor — Technirama

A's 18.15 — Última — 17 anos

ANNA LUCASTA



A's 21.30

(12 anos)

ESTREIA

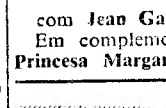
Telefone 55131

O PROFESSOR

AZARENTO

com Ian Carmichael e Hugh Griffith

No palco: O quarteto de Marino Marini



15.30 e 21.45

(Adultos)

3.ª SEMANA

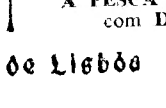
Telefone 727778

O INSPECTOR

MAIGRET

com Jean Gabin e Michel Auclair

Em complemento: «O casamento da Princesa Margarida».



21.00 (M. 17 anos)

SORRISOS DUMA

NOITE DE VERÃO

NÓS, OS HOMENS

Telefone 48560

A PESCA DE UM MARIDO

com Debbie Reynolds

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE, AS 21 e 45 — (17 anos)

SENSACIONAL REPOSIÇÃO

DO DRAMA RUSTICO EM 3 ACTOS DE CARLOS SELVAGEM

ENTRE GUESTAS

com MARIANA REY MONTEIRO e JOSÉ DE CASTRO

NOS PROTAGONISTAS, E UM NOTÁVEL ELENCO

NO SÁBADO, AS 16 HORAS: PRIMEIRA TARDE POPULAR

A PREÇOS REDUZIDOS (BILHETES À VENDA)

A SEGUIR EM ESTREIA: «MARIBEL E A ESTRANHA FAMÍLIA» DE M. MINHA (17 ANOS)

HOTEL DA ÁGUA DA FOZ DA SERTÃO

CERNACHE DO BONJARDIM

Em 20 de Maio entra em funcionamento, de Verão e Inverno, este famoso Hotel, — agora com boa estrada de acesso. Incomparável local para férias, repouso, fins de semana, excursões, pesca, desportos náuticos e uso da consagrada «Água da Foz da Sertão». Bons quartos e magnífico serviço de bar e restaurante. Reserve já o seu quarto ou apartamento pelo telefone 472 — Cernache.

A reposição de "Entre Giestas" explicada por Amélia Rey Colaço

«Você deve invejar-me, meu caro Selvagem. Eu vi a sua peça, como você nunca a viu. Não é que a Angela Pinto — atriz em cujos olhos háinhos de tragédias — não tenha posto todos os seus nervos na interpretação da protagonista da sua peça. Angela Pinto, porém, que deu a volta à vida, já não tem aquela frescura, aquela espontaneidade de Giesta, aqueles vinte anos na alma que são preciosos para dar aquela pureza ingênita, aquela naturalidade de quem faz o mal como quem faz o bem, de quem provoca um incêndio com aquela mesma ternura de quem ama uma mulher... Angela Pinto, por mais que se esforçasse, tinha que pôr no seu gesto alguma perversidade, a perversidade que não existe nesse gesto. Eu queria que você visse a Amélia Rey Colaço. Eu queria que você visse esse corpo serigaito, esse corpo pequeno, a alçar-se, a alcandorar-se, a encher a serra, a ser a própria serra»...

E, assim por diante, escreveu António Ferro, numa carta a Carlos Selvagem, que o «Diário de Lisboa» publicou há trinta e nove anos, quando da primeira reposição de «Entre Giestas», em S. Carlos. Uma carta que é um dos documentos mais expressivos da personalidade de António Ferro, numa das fases mais audaciosas e mais revolucionárias do seu jornalismo literário, irreverente e incisivo.

E, talvez, depois dessa carta que Amélia Rey Colaço fica para sempre ligada à força emocional e ao êxito de «Entre Giestas». Sem Amélia Rey Colaço, não teria existido a «Clara» — e o próprio autor o reconhece na dedicatória que escreve num exemplar do drama que, indiscretamente folheámos ontem à noite na saleta do camarim da artista, onde fomos porque se impunha uma explicação, a explicação, digamos, de uma renúncia. Porque Amélia Rey Colaço, com a reposição desta noite, no seu teatro, renuncia a «Clara», entregando-a, com a sua alma tumultuosa, a sua filha.

— Não é uma renúncia — disse-nos a grande atriz. — Nem pensei nisso. Você é que está a fazer literatura. Não. Pensei, apenas, que o contrato de concessão à minha companhia do Teatro D. Maria II me impõe obrigações que tenho de cumprir escrupulosamente. E uma delas é manter sempre vivo o repertório de fundo deste teatro. E, desse repertório de fundo, faz parte «Entre Giestas», que Lisboa já não vê há cerca de vinte anos e que as camadas mais jovens do público não devem ignorar. Aliás, aconteceu, também, que fui ao encontro do desejo manifestado pelo autor.

— Não. Se quer fazer literatura, aproveite. Correspondeu esta iniciativa também a uma circunstância de ordem sentimental. Foi nesta peça que meu marido conquistou o seu nome como actor. Toda a gente sabe — toda a gente recorda ainda —



AMELIA REY COLAÇO

que Robles Monteiro teve, no «António Geadas» uma criação que emocionou o público e galvanizou a crítica. E, pois, de certa maneira, mais uma homenagem que presto à sua memória. E o Teatro Nacional deve muitas homenagens à sua memória.

— Afirma-se que a reposição se faz de acordo com a encenação de 1917. É verdade?

— É verdade. Por várias razões, de que lhe exponho só as principais. Primeiro: depois de «O Luge», de «Diálogos das Carmelitas» e, sobretudo, de «A Visita da Velha Senhora», em que o público assistiu a diferentes expressões de Teatro e encenação moderna, pretendi que o espectador de hoje comparasse, oferecendo-lhe uma peça romântica com uma encenação-tipo da sua época, no chamado estilo dos pintores-illustradores. Segundo: António Pinheiro, o grande mestre de teatro cujo nome anda tão esquecido e a quem, aliás, muitos artistas do D. Maria II tanto devem, também era devida esta homenagem. Procedemos com «Entre Giestas», como fizemos, por exemplo, com o «Tá-Mar». Mantivemos, primeiro, a encenação original, para que servisse de termo de comparação à encenação moderna, que depois levámos a Paris. É um objectivo idêntico que pretendemos alcançar quando, muito provavelmente, na próxima temporada, dermos à obra de Carlos Selvagem uma nova realização.

A campanha do camarim tocou. Da contra-regra avisavam que ia começar o segundo acto do ensaio geral. E a «Sr.ª Augusta», que já foi «Clara» despediu-se de nós, não sem um tudo nada de emoção. Porque, no fim de contas — literatura ou não — assistíamos a uma renúncia...

SESSÕES CULTURAIS

No próximo sábado, antes de se iniciar, na Escola Técnica Francisco de Arruda, a sessão cinematográfica da série «Ensino visual das Ciências», narra o conto semanal a escritora D. Matilde Rosa Araújo.

(Continuação da página anterior)

de que Camerini sabe compreender e definir.

O realizador soube aproveitar os recursos de um cativante grupo de rapazes e de raparigas que conquistam o público com a sua naturalidade de maneiras e pureza de sentimentos.

«O Primeiro Amor» (a história da primeira paixão de todos nós) é um espectáculo optimista, delicioso e jovial como cada um dos seus intérpretes. Vale a pena vê-lo, porque dispõe bem e reforça a confiança na juventude que é capaz de amar até ao sacrifício e não tem lugar no seu coração para sentimentos menos nobres. Complementos curiosos. — Visor 55.

«Totó na Lua» no Odeon

Um foguetão estratosférico, cujo objectivo é a Lua, serve de pretexto a uma série de cenas hilariantes e inesperadas que têm Totó por figura central. A intromissão das potências estrangeiras que cobiam a chegada à Lua e o aparecimento de personagens, a partir de um milagroso «feijão gerador», animam o ritmo desta sátira que diverte e faz zrir, sem uma quebra. Na Lua, Totó «encontra» a fascinante Sylvia Koscina e, com tão aliciante companhia, poucos desejos tem de voltar à Terra.

Farsa com momentos bastante felizes, «Totó na Lua» é um filme característico daquele célebre có-mico italiano que, certamente, acrescentará mais um êxito, junto dos seus admiradores lisboetas.

Entre os documentários, destaca-se a produção portuguesa «Neve na serra», realizada por João Mendes, que tem fotografia de Abel Escoto e locução de Pedro Moutinho. — Visor 50.

Vêm a Lisboa

as bailarinas Nora Kaye e Claude Bessy

Vinda de Paris, chega hoje a Lisboa, por via aérea, a grande bailarina francesa Claude Bessy, a mais recente revelação do bailado francês, que vem interpretar, no Teatro Nacional de S. Carlos, o principal papel do bailado «Miss Julie», obra de grande envergadura que a coreógrafa sueca Birgitt Culberg extraiu da célebre peça de Strindberg.

Igualmente por via aérea chega amanhã a Lisboa a grande bailarina americana Nora Kaye, estrela do «American Ballet Theatre», que também em S. Carlos interpretará a principal personagem do bailado «Pillar of Fire», de Antony Tudor.

TESTUT

A BALANÇA IDEAL PARA O VOSSO ESTABELECIMENTO

SEMI-AUTOMÁTICA EM AÇO INOXIDÁVEL

Facilidades de pagamento - Demonstrações sem compromisso

REPRESENTANTES: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

Tel. P.P.C.A.: 733111 - LISBOA

TESTUT - A BALANÇA PARA TODA A VIDA

Ao juro de 5%

Emprestamos sobre Automóveis, qualquer quantia (imediatamente). Condições fáceis de imitar mas impossíveis de igualar.

Consulte sempre:

A Continental

Praça da Alegria, 44-2.
Tel. 367347 - LISBOA

Objectos depositados na P. S. P. de Almada

Na secretaria do posto da P. S. P. de Almada encontram-se depositados os seguintes objectos achados: um bilhete de identidade, de Alice Odete Henriques da Costa Marques; uma toalha plástica; um bilhete de identidade, de José Milheiro Dias; um brinco com pedras pretas; um guarda-chuva; chaves; um bilhete de identidade, de João Gonçalves Beirão; um sapato de pelica para criança; um porta-moedas em plástico.

Haverá ligação marítima uma vez por semana entre Lisboa e Funchal

Por se ter reconhecido que é necessário intensificar as ligações marítimas entre Lisboa e o Funchal, o ministro da Marinha ordenou que se procedesse ao estudo do assunto, no sentido de se obter uma solução satisfatória, através do afretamento de navios nacionais ou, no caso de impossibilidade, de barcos estrangeiros.

Efectuadas, pela Junta Nacional da Marinha Mercante, as diligências e as consultas que o caso requeria, e considerados os encargos financeiros das modalidades que foram encaradas, concluiu-se pela solução, que se tem por mais vantajosa, de se recorrer aos navios da Empresa Insulana de Navegação, embora com sacrifício para o seu pessoal e com maior esforço a exigir do material.

Nestes termos, ficou estabelecido, após autorização prévia do ministro das Finanças, e considerando que a exploração das carreiras será deficitária, subsidiar a Empresa Insulana de Navegação, com a importância de 300 contos mensais, de Junho a Novembro, inclusive, para a realização de uma carreira semanal, com saídas de Lisboa às quintas ou terças-feiras, conforme forem ordinárias ou extraordinárias.

Deste modo, o porto do Funchal ficará ligado ao continente por uma carreira semanal, efectuada por navios nacionais.

O encalhe do «Algol»

Acerca do encalhe do navio «Algol» ocorrido na barra do Tejo, pedem-nos a Companhia Portuguesa de Pesca, para esclarecermos os nossos leitores de que, na altura, quem comandava aquela unidade era o capitão Noé Neves Girão, e não o capitão Manuel Duarte Damas, que já havia desembarcado.

tico; uma carteira de plástico, com um bilhete de identidade, de Laura de Sousa Pereira; e um terço branco.

COLHIDO

por uma camioneta

Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, onde ficou internado, o ciclista José Manuel de Jesus Sequeira, de 13 anos, residente no Rio Frio, Montijo, que foi colhido por uma camioneta que lhe produziu fractura de uma perna e contusões pelo corpo.

No Hospital de Almada

Fracturou os dedos ao abrir uma janela

A empregada de escritório, sr.ª D. Ernestina Maria Silva, de 24 anos, residente no Muxeto, Vale de Gatos, ao pretender abrir uma janela de guilhotina, esta caiu-lhe sobre os dedos de uma das mãos, fracturando-os. Depois de receber tratamento na sala de observações do Hospital de Almada recolheu a casa.

Acidente no trabalho

O serrador Julio Lopes Rodrigues, residente na Rua Dr. Américo, 19, cave, no Laranjeiro, quando trabalhava numa serração feriu-se nos dedos da mão esquerda. Recebeu tratamento no Hospital de Almada.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Farmácia Gammeiro — Largo António S. Jorge — Tel. 034100.

ALMADA — Farmácia Central — Rua Olivença, 11-B — Tel. 070504.

SEIXAL — M. L. Godinho — Largo da Igreja, 51 — Tel. 021580.

BARREIRO — Soares — Avenida Republica, 1 — Tel. 023023.

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro 1910, 62 — Tel. 070121.

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16 — Tel. 039029.

MONTIJO — União Mutualista — Avenida Almirante Reis, 93 — Tel. 030035.

SESIMBRA — Lopes — Rua Cândido dos Reis, 67 — Tel. 029028.

SETUBAL — Costa — Rua da Misericórdia, 48 a 50 — Tel. 22760.

Cinemas

ALMADA — Incrível Almadense — As 21, «Um lugar na alta roda» — (17 anos). — Academia Almadense — As 21 e 15, «Enfrentando o perigo» e «Prenda de anos» — (12 anos).

MONTIJO — Cinema Teatro Joaquim de Almeida — As 21 «Homens de terras bravas» — (17 anos).

BARREIRO — Cinema Glnásio C. U. F. — As 21, «O terror no mar» (17 anos) — Cinema — As 21 e 15, «O passarinho da Ribeira» e «O Céu aberto» — (12 anos).

Praia do Sol — Costa da Caparica

Magnífica para a saúde de crianças e adolescentes
Esplêndidos serviços na

PENSÃO CAPA RICA — CAFÉ CHIC
e Restaurante Carolina do Aires



O BÉBÉ DORME TRANQUILO NUM DUNLOPILLO

O sono tranquilo e repousante do bebé é resultado do conforto de um bom Colchão. O Colchão Dunlopillo é o indicado. O Dunlopillo é completamente higiénico e não precisa de ser ventilado, o ar circula através da espuma do Dunlopillo mantendo-o fresco. Não acumula pó ou cotão.

Sono tranquilo só com **Dunlopillo**

Representante em Portugal: G.^{me} GRAHAM JR & C.^{as}

Rua da Alfândega, 160 — LISBOA / Rua dos Clérigos, 6 — PORTO

NO TEATRO Telef. 27273

AVENIDA

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

APRESENTAM EM PLENO

ÊXITO

BEATRIZ COSTINHA

AD. M/ 17 ANOS

Está Bonita a Brincadeira!

Iran Eory A revista em que triunfa BEATRIZ COSTA

EM 2 SESSÕES AS 20,45 E 23 HORAS

Colé no «Conquistador»

Berta Loran e José Viana nos «Amorosos»

Eisenhower em Lisboa

(Continuação da página central)

ricana, com o ministro dos Negócios Estrangeiros e embaixador Elbrick, com o major-general Snyder, médico do presidente, o chefe do Protocolo, com o chefe dos Serviços de Imprensa da Casa Branca, etc.

A chegada a Queluz

A banda da Casa Pia de Lisboa foi executando marchas militares — até que, às 11 e 20, uma girandola de foguetes anunciou que Eisenhower estava já muito próximo. Dois minutos depois, o carro descapotável com os chefes de Estado americano e português parava de frente do palácio.

A 1.ª companhia do batalhão n.º 1 da Guarda Nacional Republicana, prestou honras, enquanto a banda daquela corporação executava os hinos americano e português.

Finda esta cerimónia, os dois presidentes dirigiram-se para o edifício, onde foram recebidos, à entrada, pelo conservador, sr. Ventura Porfírio, pelo professor Joaquim Fontes, presidente da Câmara Municipal de Sintra, e pelo coronel Rui Horta, comandante do Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa.

O chefe do protocolo do Estado, dr. Carreiro de Freitas, apresentou ao chefe do Estado norte-americano aquelas entidades, após o que todos se dirigiram para a sala D. Maria II, onde, por sua vez, o almirante Américo Tomás lhe apresentou os elementos da sua Casa

Militar, á frente da qual se via já entrada no palácio o embaixador Charles Burke Elbrick, todo o pessoal superior da embaixada e os elementos da M. A. A. G., com o seu chefe, almirante Petersen, que foram recebidos pelo presidente norte-americano.

Troca de presentes

O general Eisenhower ofereceu ao almirante Américo Tomás um magnífico «pic-up», de alta fidelidade, integrado num móvel de linhas modernas, que é um dos produtos mais recentes e significativos da indústria norte-americana.

O Presidente da República portuguesa obsequiou o ilustre visitante com um par de candelabros e uma terrina de prata, peças extremamente valiosas, das mais belas da ourivesaria portuguesa.

Eisenhower, findas as apresentações, dirigiu-se para os aposentos que lhe foram destinados — os mesmos que já serviram à rainha Isabel de Inglaterra e aos chefes de Estado que têm visitado Portugal.

Entretanto, o almirante Américo Tomás retirava-se, agora já acompanhado pelo chefe da sua Casa Militar, logo seguido por um outro automóvel em que seguia o embaixador Marcello Mathias, ministro dos Negócios Estrangeiros.

Eisenhower assomou a uma janela

Às 11 e 35, Eisenhower assomou a uma das janelas dos seus aposentos, por cima da qual flutua a bandeira dos Estados Unidos, e, erguendo os braços, agradeceu as entusiásticas aclamações do povo.

Por volta das 13 horas, deram

Palavras de «Ike»

Depois de receber os cumprimentos dos 150 membros da embaixada do E. U. A. em Lisboa, o presidente Eisenhower fez as seguintes declarações:

— «Embora o mundo livre não esperasse a obtenção de nenhum objectivo revolucionário a resolver na reunião de alto nível, esse mundo livre pensava que se podiam aliviar algumas tensões existentes. Os representantes dos E. U. A., da Inglaterra e da França fizeram tudo quanto podiam fazer para realizarem o que o Mundo esperava. Respondemos aos abusos com dignidade e lógica. Respondemos a acusações com factos. Não há razões para perder esperanças, pois já tivemos estas condições, previamente, ao tratar com os soviéticos. Em vez de perder a esperança, devemos apertar os nossos cintos, levantar a cabeça e trabalhar mais pela causa da Justiça e da Paz. Temos um grande aliado, aqui, em Portugal.

Em seguida afirmou — Sempre que ocorrem estas situações, temos de trabalhar mais arduamente para fortalecer o nosso campo, unindo-nos cada vez mais.

O presidente dedicou alguns minutos à descrição dos trabalhos que os serviços diplomáticos dos E. U. A. e outros, estão a realizar em alguns países, a fim de revigorar os laços de amizade e prosseguir, referindo-se ao livro «Ugly American» (América Feia) de William Lederer, capitão dos E. U. A. na reserva, e prof. Tomas Burdch, que critica a actividade dos funcionários do Estado norte-americano. Digo-vos directamente que um livro, publicado recentemente, não fez justiça aos funcionários dos E. U. A. Esse livro provocou-me náuseas.

E acrescentou — Obrigando a cada um de vocês, da minha parte. Continuem o vosso bom trabalho, esforçando-se cada vez mais e fazendo cada vez melhor. Sinto-me orgulhoso de cada um de vocês».

O almoço na Ajuda

Às 14 horas, efectuou-se, na sala dos banqueiros do Palácio Nacional da Ajuda, um almoço, de 140 talheres, oferecido pelo Chefe do Estado em honra de Eisenhower.

Às 13 e 5, chegaram ao edifício o almirante Américo Tomás, sua esposa e sua filha D. Maria Natália.

Às 13 e 12 entrou no Palácio o Presidente do Conselho que foi recebido pelo ministro da Presidência.

Eisenhower chegou, num carro descapotável, aberto, acompanhado do embaixador do seu País e da senhora de Elbrick. Vestia um fato cinzento claro; e, sorridente, largou o chapéu e entrou logo sob o docel de veludo carmesim exterior, recebendo os cumprimentos do dr. Carreiro de Freitas, que o introduziu no palácio.

Começou, então, o almoço, durante o qual se fez ouvir uma orquestra de arco, sob a direcção do maestro Pavia de Magalhães.

Fala o Presidente da República

Aos brindes, o almirante Américo Tomás, dirigindo-se ao presidente americano, disse:

Em nome da Nação Portuguesa, no meu próprio e no de minha mulher, peço a V. Ex.ª que aceite a expressão das nossas homenagens e dos nossos muito cordiais sentimentos de amizade.

Já em ocasião anterior teve o povo de Lisboa ensejo de manifestar a V. Ex.ª o seu alto apreço para com o chefe militar ilustre que, envolto pelas justas glórias dos sucessos da guerra, desempenhava na altura o cargo de comandante supremo da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Está na memória de todos a relevante actividade então desenvolvida por V. Ex.ª em favor da consolidação da defesa do Ocidente, e tanto haveria constituído motivo bastante para lhe abrir na História um lugar eminente. Mas esses esforços inextinguíveis tem-nos Vossa Excelência prosseguido como chefe da grande nação americana. Sobre a Terra, nenhum homem de boa vontade e de espírito sincero pode, mais do que o presidente dos Estados Unidos, atribuir-se maior quinhão no trabalho pelo bem-estar dos povos e pela paz, nem alguém haverá travado mais denodada luta em defesa dos ideais superiores que nos são queridos. São gerais e profundos o respeito e a admiração, mesmo de mu-

lhos que são forçados a estar no campo oposto, e o facto poderá constituir, para um animo que nunca se entibou, compensação legítima porque a cruzada é nobre.

Posso assegurar-lhe, senhor presidente, que daqueles sentimentos também a Nação portuguesa partilha. E nesse sentir se reflecte, além do mais, a amizade que dedicamos ao povo norte-americano. Está V. Ex.ª entre amigos, e para que o fôsse seria suficiente, além das tradicionais relações de cordialidade entre os dois países, que comuniquemos, como o fazemos, nas mesmas raízes profundas da civilização ocidental e em idénticos ideais de respeito pela dignidade da pessoa humana. Está V. Ex.ª também entre aliados, que o não são de hoje porque já nos tempos incertos da última guerra puseram ao serviço da comunidade atlântica os préstimos de que lhes era viável dispor no momento. Desse mesmo espírito de amizade e aliança continuamos possuídos, e julgo fazer justiça ao povo português dizendo que o Ocidente encontrará em nós apoio firme e determinado, sem desfalecimento nem tergiversações. E esta segurança damos-lhe com igual firmeza por toda a parte onde esteja presente a Nação portuguesa: em nome da comunhão de ideais que nos unem, e cuja defesa nos inspira, estamos crentes de que prestamos serviço à causa elevada que é comum ao país de V. Ex.ª e ao meu mantendo intactos estes princípios e estando prontos a sustentar a sua validade a todo o preço.

São de gravidade suprema os problemas que enfrentamos no Mundo, e esmagadoras as responsabilidades que pesam sobre o Ocidente. Da maneira por que nos houvermos dependente a paz ou a guerra, e de um afrouzamento de vigilância pode resultar a catástrofe para todos. Nós sabemos que queremos a paz, e com ela a felicidade e o progresso dos homens. Mas estaremos prontos à defesa dos nossos ideais se algum dia, que esperamos a Providência não permita, a razão e o bom-senso deixarem de iluminar os que procuram destruir o nosso sentido de vida. Defendemos o direito, buscamos justiça, respeitamos os interesses legítimos de todos. Mas não se nos peça que nos neguemos

nem que abandonemos os que no Ocidente confiam. Todos temos sabido, porém, cumprir o nosso dever. E nem por isso esquecemos ou menosprezamos os objectivos da paz. Lutar pelo desenvolvimento económico dos povos, estimular o seu progresso social e cultural, aumentar o seu nível de vida, são obrigações indeclináveis que os Governos não descaram e estão na base da estreita cooperação entre todos. E neste domínio é um imperativo de alta justiça salientar quanto os Estados Unidos têm correspondido de maneira generosa aos apelos e às esperanças dos povos que, empobrecidos pela guerra, lograram merecer dessa generosidade reconstruir a sua estrutura económica em alicerces sólidos.

Bebo à saúde e à felicidade pessoal de V. Ex.ª e às felicidades e prosperidades do povo norte-americano.

O brinde do Presidente Eisenhower

A seguir, o presidente Eisenhower proferiu as seguintes palavras: *Estou reconhecido pelas palavras que me dirigiram, que dirigiram ao meu país e ao povo dos Estados Unidos.*

No passado, os intrépidos exploradores portugueses levavam muitos meses a vencer distâncias desconhecidas entre os nossos dois continentes. Hoje o espaço entre nós foi reduzido a poucas horas em arido de facto. Que esta distância tão reduzida seja o símbolo de laços cada vez mais unidos entre as nossas duas nações. Companheiros da fundação da aliança da O. T. A. N., possuímos a mesma confiança permanente na sua força e nos ideais que ela procura proteger e defender.

Senhoras e Senhores, a amizade portuguesa-americana; que ela seja no futuro o que tem sido no passado — calorosa, firme e duradoura. Senhoras e senhores: quererei associar-se a mim no brinde que dirijo ao Presidente de Portugal!

Encontro com o Presidente do Conselho

Ao fim da tarde, o prof. Oliveira Salazar visita o chefe do Estado norte-americano com quem conferência.

A reunião da E. F. T. A.

(Continuação da página central)

veitamento do potencial das economias que constituem o vasto espaço económico da E. F. T. A.

Muito mais importante que os textos de um acordo são as medidas práticas, efectivas que quisermos tomar para uma perfeita conjugação das nossas políticas com vista, repito, à máxima utilização dos recursos de cada um dos nossos países.

«Não basta traçar os objectivos de uma política, é indispensável assegurar os instrumentos que tornem possível a sua realização. E' por isso que estamos a falar de instrumentos de execução de uma política comum e por isso também não abandonaremos nunca a luta por um entendimento europeu; outro problema domina neste momento as preocupações da delegação portuguesa. Refiro-me ao futuro da O. E. C. E. Não é necessário dizer da alegria com que veremos os Estados Unidos e o Canadá transformarem-se em membros de pleno direito da Organização de Paris — apesar de nós os termos considerado, desde sempre, como tal. Mas pensamos que a participação dos Estados Unidos e do Canadá não deve conduzir-nos nem precisa de nos conduzir a retirar a O. E. C. E. aqueles poderes de decisão e de actuação que tornaram possível à Europa reconstruir a sua força e o seu destino.

«Tal como o Infante D. Henrique, queremos destruir as barreiras entre os povos» — declarou o presidente do conselho da E. F. T. A.

Em resposta, e antes de declarar aberta a sessão, o sr. Gunnar Lange, ministro do Comércio da Suécia e presidente do conselho ministerial da E. F. T. A., disse constituir para ele grande honra e grande prazer declarar, em nome de todas as delegações, a sua felicidade por se encontrar em Lisboa.

E prosseguiu: — Todos nós temos aguardado com grandes esperanças, esta reu-

nião, a nossa primeira reunião desde que o tratado por nós foi ratificado e unanimemente aprovado por todas as nossas nações.

«Sinto haver um significado no facto de a nossa associação cujo objectivo final é um livre intercâmbio multilateral, da maior vastidão possível, entre todas as nações do Mundo, se reunir agora num país possuidor de tão grandes tradições nos esforços constantes para o alargamento das fronteiras da Humanidade.

Reunimo-nos neste ano do V centenário da morte do Infante D. Henrique. Numa frase famosa, que todos nós conhecemos, o vosso grande épico resumiu a essência dos pensamentos deste explorador, notavelmente moderno, progressivo e universal: «Se mais mundos houvesse, lá chegara» (e citou a frase em português).

A terminar, declarou:

— Talvez seja presunção da minha parte dizer aqui, tal como o Infante D. Henrique, que nós, os «Sete», também estamos de certo modo a tentar descobrir novos mundos; a tentar voltar a descobrir o mundo do comércio livre. Queremos destruir as barreiras entre os povos. Almejamos uma troca mais livre e mais ampla de bens e de ideias entre todos os países do Mundo. E' neste espírito que nós, vossos hóspedes, tão carinhosamente acolhidos, por seu intermédio agradecemos ao Governo e ao povo português a gentil hospitalidade que nos foi dispensada. Tudo isso representa na verdade um excelente augúrio para o nosso futuro trabalho.

A provável adesão da Finlândia

Simultaneamente com a conferência ministerial, realizaram-se, em salas diferentes, reuniões bilaterais entre delegados portugueses e noruegueses, num lado, e portugueses e finlandeses, no outro. A primeira destinava-se a discutir o problema das pescas e a seguir a apreciar as consequências do ingresso da Finlândia, cujos representantes não podem participar nos trabalhos dos ministros na E.F.T.A.

A conferência de Imprensa

(Continuação da página central)

gem aérea do presidente Eisenhower.

— Tivemos dificuldades, esta manhã, em Paris, com o avião que transportava os jornalistas e foram necessárias modificações no plano de voo, a fim de transportar alguns representantes da Imprensa. Estas modificações foram determinadas pelo presidente.

Em seguida, relatou a maneira como decorrerá o voo:

— Após entrar no avião, o presidente tomou o café da manhã, na companhia do subsecretário de Estado, Merchand, do ajudante de campo, major John Eisenhower, e do general Goodfaster, chefe da Casa Militar. Também esteve presente. Depois do café, o presidente fez ligeiros retoques nas declarações que fará em Portugal e no discurso que pronunciará, durante o jantar desta noite.

Disse que, ainda durante a viagem, Eisenhower conversou com o ministro conselheiro da Embaixada dos E. U. A. em Lisboa, John Goodyear, que o acompanhava. E, aliás, costume do presidente fazer-se acompanhar pelo titular das funções diplomáticas em cada país, sempre que os visita, a fim de esclarecer e combinar assuntos do programa.

O chefe dos Serviços de Imprensa da Casa Branca referiu-se, em

seguida, á ida de Eisenhower a Queluz, na companhia do presidente Américo Tomás e á satisfação que lhe causara a calorosa recepção dos Portugueses. Esclareceu depois pormenores do programa da viagem presidencial.

Seguiram-se algumas perguntas dos jornalistas a que o sr. Hagerty respondeu com prontidão.

— Como está o presidente, depois da Conferência de Paris?

— Fisicamente, está agora maravilhosamente bem. Como tive ocasião de ver em Paris, o presidente encontrava-se muito aborrecido com as atitudes de Kruchchev. Tenho a certeza de que Eisenhower está contente por ter saído do ambiente criado por «aquele senhor» e ter entrado neste ambiente de amigos e aliados. Devo acentuar que no «ambiente de Paris», não envolve MacMillan, o general de Gaulle ou mesmo o povo francês que proporcionaram uma atmosfera de franca amizade. Refiro-me às exibições de Kruchchev. Depois delas, a solidariedade dos países ocidentais, presentes à conferência, é maior do que nunca.

— Como reagiu o presidente ao resultado da conferência? — inquiriu um jornalista americano.

— O presidente está imensamente triste por Kruchchev ter torpedeado a conferência. Os chefes não puderam tratar dos assuntos sérios que desejariam tratar.

A uma pergunta sobre a Conferência de Genebra (relativa ao desarmamento), o sr. Hagerty respondeu:

— Como a conferência de Paris, a de Genebra é de grande importância para o bem-estar do Mundo. A delegação da América está pronta para realizar as negociações e o mesmo acontece com a delegação da Grã-Bretanha, embora eu não tenha a audácia de falar em nome da Inglaterra. No entanto, o resultado depende da atitude da delegação russa.

— O plano dos «céus abertos» será apresentado nas Nações Unidas? — inquiriu um jornalista americano.

— O presidente está a estudar esse plano dos «céus abertos». No entanto, creio que não tem resposta ainda hoje. As Nações Unidas começam os seus trabalhos, no Outono.

— A atitude de Kruchchev não terá «torpedeado» a apresentação desse plano? — insiste o mesmo jornalista.

— De forma alguma. O plano será apresentado.

As perguntas continuam: — O estado de prontidão da aviação dos E. U. A. significa que os Americanos temem um ataque dos Russos?

— Não — responde claramente Hagerty. — Não tememos nenhum ataque. Trata-se de uma prova de rotina e exercício de aviação.

— Os aviões russos já voaram sobre os E. U. A. para observações?

— Não — volta a responder Hagerty.


Dr. Carlos dos Santos
Paiva Junior
PROFESSOR DO LICEU
PASSOS MANUEL
FALECEU

Rafaela dos Santos Lopes Paiva, Maria Helena dos Santos Paiva e suas filhas, Ramiro dos Santos Paiva, sua mulher e filho, Emilia dos Santos Paiva da Graça e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, às 12 horas, da Avenida João XXI, n.º 21, 8.º, Esq.º, para jazigo no cemitério de Belas.

A. G. MAGNO, LD.ª
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

O Conselho Permanente da N. A. T. O. lamenta que a posição de Kruchchev tenha impossibilitado as negociações em Paris

(Continuação da 1.ª página)

grada reunião no mais alto nível e apoiou a posição dos Ocidentais.

O relato oficial do malogro foi feito pelo secretário de Estado norte-americano, Christian Herter, e ministros dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra e da França, respectivamente, Selwyn Lloyd e Couve de Murville.

A reunião realizou-se na nova sede da N. A. T. O., próximo do bosque de Bolonha.

Também assistiram os ministros dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental e da Turquia, respectivamente, von Brentano e Fatin Zorlu.

No final da reunião, foi lido o seguinte comunicado:

«O Conselho Permanente da Organização do Tratado do Atlântico Norte, reuniu-se em Paris, no dia 19 de Maio de 1960, e ouviu as declarações dos ministros dos Negócios Estrangeiros da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos sobre os acontecimentos que impediram a realização da conferência no mais alto nível.

«No comunicado publicado no fim da reunião em Istambul, o conselho manifestou satisfação pelas perspectivas de negociações com a União Soviética e manifestou esperança de que estas negociações conduziram a uma melhoria nas relações internacionais.

«O conselho lamenta que a posição do sr. Kruchchev tenha impossibilitado as negociações em Paris.

«Reafirmando a completa solidariedade dos países da aliança, o Conselho aprova a declaração dos três chefes de Estado ou de Governo, de que todas as questões internacionais devem ser resolvidas não com o emprego da ameaça ou da força, mas por meios pacíficos e através de negociações, e de que permanecem dispostos a participar em tais negociações em qualquer ocasião adequada do futuro.

O informador da N. A. T. O. que leu o comunicado, declarou que representantes de todos os países membros falaram durante a reunião, demonstrando inteira unanimidade no assunto, e aprovando a atitude dos «Três grandes».

A questão do avião americano que sobrevoou a Rússia foi mencionada muito por alto — acrescentou, — (Reuter, France Presse e A. N. L.)

MACMILLAN REGRESSA

PARIS, 19. O primeiro-ministro

AGA KHAN

dirigirá as cudelarias que eram de seu pai?

LONDRES, 19. — O «Daily Mail», julga saber que o jovem Aga Khan aceita tomar a direcção das cudelarias que eram propriedade de seu pai, Ali Khan, onde existem cerca de 250 cavalos, «puro sangue» e cujo valor se eleva a 3 milhões de libras (240 mil contos). O jovem Aga Khan tem apenas 22 anos. — (F. P.).

OS RESTOS MORTAIS DE ALI KHAN FORAM TRASLADADOS PARA A COSTA AZUL

PARIS, 19. — Esta manhã, a urna com os restos mortais de Ali Khan saiu da residência do palácio, em Paris, para ser transportada para o Golfo Juan (Costa Azul), onde ficará depositado no «Chateau de l'Horizon», propriedade do extinto. Estavam presentes todos os membros da família e amigos íntimos, além de muitas personalidades como os embaixadores do Irão, Portugal, Grã-Bretanha, Canadá, Espanha, Austrália, Turquia e Nova Zelândia.

A urna, coberta com uma colcha de brocado branco e guarnecida com lírios e rosas, foi metida num vagão mortuário, revestido de cortinados brancos e atrelado ao comboio especial que leva a família de Ali Khan, e Bettina, para o Golfo Juan. — (F. P.).

britânico encontrou-se hoje com os representantes diplomáticos dos países da Comunidade Britânica, aos quais apresentou um relato das condições que levaram a conferência de Paris ao malogro.

Antes na Presidência do Conselho, conferenciou durante 30 minutos com Debré.

MacMillan almoçou com o presidente de Gaulle, no palácio do Eliseu, e regressa a Londres, de avião, às 16 e 30 com Selwyn Lloyd.

Amanhã, MacMillan apresentase nos Comuns para falar sobre a conferência no mais alto nível e responder às perguntas dos parlamentares. — (R.).

«K» SEGUIU PARA BERLIM

PARIS, 19. — Kruchchev seguiu para Berlim, de avião, às 11 horas. A partida, no aeroporto desta cidade, disse que espera que dentro de alguns meses haja atmosfera mais favorável para a realização de uma conferência no mais alto nível.

Segundo salientou, nenhum Governo com dignidade poderia con-

cordar em tomar parte numa conferência com outro Governo que tinha ameaçado violar a sua soberania.

«K» acrescentou que o Governo russo continuava pronto a trabalhar para a causa da paz, Terminou com as palavras: «Adeus e viva a paz».

Gromyko ficou em Paris e parte amanhã para Nova York, a fim de assistir à reunião do Conselho de Segurança que convocou.

Iste foi hoje revelado por Valerian Zorin, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, no aeroporto de Orly, onde fora despedir-se de Nikita Kruchchev.

Zorin declarou à Imprensa que cerca de metade da comitiva soviética seguirá directamente para Moscovo. A outra metade partirá para Berlim, a fim de aí se juntar a Kruchchev. — (R. A. N. L. e F. P.).

*** BERLIM, 19. —** Nikita Kruchchev chegou hoje a esta cidade e foi saudado pelo «leader» do Partido Comunista, Walter Ulbricht; pelo chefe do Governo, Otto Grotewohl; e por outros funcionários. — (R.).

A delegação americana colabora na escolha da data em que o Conselho de Segurança há-de apreciar a queixa russa

NOVA YORK, 19. — O pedido de convocação urgente do Conselho de Segurança da O. N. U. para considerar actos agressivos da Força Aérea dos Estados Unidos, foi telegrafado de Paris pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da União Soviética ao presidente do referido Conselho, «sr» Claude Corea, do Ceilão.

Gromyko disse que «os actos agressivos» da Força Aérea dos Estados Unidos criaram uma ameaça à paz mundial.

«A necessidade de uma decisão imediata sobre este assunto», disse — aprovem do facto de os aviões militares dos Estados Unidos terem violado repetidamente o espaço aéreo soviético e de o Governo dos Estados Unidos ter declarado que essas violações de fronteiras de outro Estado soberano não faziam parte da sua política».

«Ao abrigo da Carta das Nações Unidas, o Conselho de Segurança suporta a responsabilidade principal da manutenção da paz e segurança internacionais. Portanto, o Governo soviético espera que o Conselho considerará urgentemente a questão referida acima e tomará as decisões necessárias para deter as acções provocadoras dos Estados Unidos, que representam uma ameaça a causa da paz».

Gromyko prometeu um memorandum explicativo como reforço do seu pedido.

A notícia do pedido soviético foi recebida aqui quando a maior parte dos funcionários já tinham recolhido a suas casas. Os funcionários do secretariado fizeram circular imediatamente o texto da comunicação.

A convocação foi uma surpresa para quase toda a gente, depois de um dia em que fortalecera a opinião de que nem os Russos nem os Norte-Americanos pediriam a acção do Conselho, pelo menos durante os próximos dias.

Esta suposição nascera da hipótese de que ambas as partes, de momento, deveriam querer deixar assentar a poeira.

Um porta-voz dos Estados Unidos disse, durante a noite, que a sua delegação estava já a consultar outros membros do Conselho de Se-

gurança sobre a data da reunião, conforme o pedido da União Soviética.

Foi depois anunciado que «sr» Claude Corea conferenciara com Hammarskjöld, secretário geral das Nações Unidas, às 11 horas (T. M. G.) de amanhã.

Hammarskjöld afirmou tenciona dar a sua habitual conferência de Imprensa quinzenal pouco depois de se avistar com «sr» Claude Corea. — (R.).

NÃO HAVERA GUERRA — OPINA NIXON

BUFFALO (Nova York), 19. — O vice-presidente Richard Nixon declarou ontem, a noite, que não resultará guerra do actual agravamento das relações entre o Ocidente e o Leste.

Dirigindo-se a um grupo de comerciantes, Nixon disse que Kruchchev pensa conseguir o seu objectivo de dominar o Mundo sem recurso à guerra aberta. — (R.).

A natureza dificulta a vida das Senhoras também na sua profissão



Nesses dias, mantenha a resistência tomando

Cafiaspirina

comprimidos soberanos contra dores e mal-estar



ACORDA DE SAVEL FAMOSO PRATO da Ribatejano de Salvaterra

O satélite «Pioneiro V» continua em órbita solar com todos os seus mecanismos a funcionar regularmente

WASHINGTON, 19. — A direcção da N. A. S. A. anunciou ontem que às 17 e 31 (T. M. G.) o satélite «Pioneiro V», lançado em 11 de Março último numa órbita solar, se encontrava a 16 milhões de quilómetros da Terra, continuando a transmitir sinais duas ou três vezes por dia. Desde o seu lançamento, o «engenho» percorreu 193 milhões de quilómetros, atastando-se da Terra a uma distância de 1 milhão e 600 mil quilómetros todos os quatro dias, o brinde mais de 2 410 000 quilómetros em 24 horas do seu trajecto à volta do Sol.

A N. A. S. A. esclarece que os numerosos instrumentos que leva a bordo não deixaram nunca de funcionar desde o seu lançamento, ou seja mais de 1600 horas. Os dois aparelhos de rádio comunicaram informações durante mais de 1100 horas. — (F. P.).

O «SPUTNIK IV» ATRASOU-SE

MANCHESTER, 19. — Em Jodrell Bank, os cientistas prepararam-se para um controle de rotina com equipamento automático da «nave espacial» e esperavam receber sinais quando ela sobrevoasse a Inglaterra às 4 horas (T. M. G.) de hoje.

Verificaram, porém, que os sinais só apareceram meia hora depois do momento previsto, o que indica ou que os Russos estão a guiar a «nave espacial» ou que a sua cápsula foi efectada e assim variou de velocidade. O novo satélite russo demora agora 94 minutos a contornar a

Terra, em vez dos 91,2 que inicialmente demorava. — (R.).

O «SPUTNIK IV» VAI DESINTEGRAR-SE

MOSCOVO, 19. — Embora não precisando quando, a Tass informou que a nave espacial há dias lançada para o espaço entrará brevemente na atmosfera da Terra e se despenhará sem possibilidade de recuperação.

Noticiou que na 59.ª translação, o «engenho» continua com a aparelhagem a funcionar com regularidade.

A nave — disse a Tass — desintegrar-se-á ao entrar na zona da atmosfera terrestre. — (A. N. L.).

QUAL O LIMITE do salto em altura?

MOSCOVO, 19. — Na opinião de Leonid Khomenkov, treinador de Yuri Stepanov, antigo recordista do salto em altura, o atleta norte-americano John Thomas, actual campeão mundial, tem possibilidade de ultrapassar a sua marca de 2,197 metros.

Khomenkov acrescentou que, com o aperfeiçoamento dos métodos de salto, o actual limite do salto em altura deve estar compreendido entre 2,25 e 2,30 metros. — (A. N. L.).

Ameaça agravar-se a situação no Congo Belga

STANLEYVILLE, 19. — Potrice Lumumba, presidente do movimento nacional congolês, protestou energicamente contra a nomeação do ministro-residente no Congo, contra as «cleróes» contra política do Governo e o envio de tropas belgas para o território. Declarou que «viremos para a rua reclamar a retirada de todas as tropas belgas que se encontram aquarteladas no Congo» e libertação do país e a transferência imediata do poder», acrescentando «é a única forma de evitar um incidente grave de que a Bélgica acarretaria com a responsabilidade moral no plano internacional. É o último grito de alarme. Não tomem uma posição que force as populações congolêses a reagir brutalmente. Assistimos, da parte da Bélgica a uma política de equívoco que provoca a confusão. O Governo belga retoma, com a mão direita o que concede com a esquerda. Repito que será responsável pela ruptura entre a Bélgica e o Congo e desse divórcio iminente» — (F. P.).

LEI SOBRE AS LIBERDADES FUNDAMENTAIS NO CONGO

BRUXELAS, 19. — O Senado belga aprovou, por unanimidade, o projecto de Lei fundamental sobre

as estruturas e o projecto de lei relativo às liberdades fundamentais no Congo. Estes projectos já tinham sido aprovados pela Câmara dos Deputados. — (F. P.).

A AFRICA DO SUL DEFENDE A SUA POLITICA RACIAL

CIDADE DO CABO, 19. — O primeiro-ministro sul-africano, Hendrik Verwoerd, que ainda se encontra em convalescença, dirigiu ao Parlamento uma mensagem, que foi lida na Assembleia Nacional pelo ministro das Finanças, T. E. Dönges, na qual se refere a atitude assumida pelos outros membros do Commonwealth, na recente conferência dos primeiros-ministros, em Londres, para com a África do Sul.

Depois de afirmar que o Governo sul-africano está convencido de que a sua política racial é «mais humana, mais ética e mais duradoura» do que a da maioria dos países que a criticam, Verwoerd declarou:

«No que diz respeito às atitudes de alguns dos outros membros do Commonwealth, a África do Sul encara-os com a mesma severidade com que são criticados determinados aspectos da política da União Sul Africana». — (A. N. L.).

ÀS JOVENS

IMPORTANTE EMPRESA DE FAMA MUNDIAL

NECESSITA:

- * JOVENS DOS 18 AOS 25 ANOS
- * MUITO BOA APARÊNCIA
- * CARÁCTER DECIDIDO E AGRADÁVEL
- * VONTADE DE TRABALHAR

OFERECE:

- * EMPREGO EM EMPRESA DE PRESTÍGIO MUNDIAL
- * LABOR INTERESSANTE DE PROPAGANDA
- * BOA REMUNERAÇÃO
- * TRABALHO AMENO E DECENTE

DIRIGIR-SE DAS 18,30 AS 19,30 HORAS DE AMANHÃ AO HOTEL TIVOLI — SR. BATISTA

PALÁCIO HOTEL VILA DO CONDE

O HOTEL DE 1.ª MAIS MODERNO DO NORTE DE PORTUGAL RESTAURANTE, BARES, SALA DE FESTAS E GARAGEM JUNTO A PRAIA

SERA INAUGURADO BREVEMENTE

vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NÚMERO 95

FEIRA DAS VAIDADES

Algemas de seda

por ARTUR PORTELA (filho)

Porque o ódio explosivo, polémico e isolado se converteu em lugar comum, foi possível redescobrir a amizade e utilizá-la de forma a ganhar algumas batalhas. O descrédito da amizade, em resultado da manifesta ineficiência, conduziu à sua abolição, de modo que retomá-la como estratégia é desconcertante e esmagador. Rigorosamente, a amizade é puro ineditismo no meio literário. Registaram-se casos de uma amizade fragmentada no tempo e no espaço. A originalidade está em converter a amizade, recuada, primitiva e branca, em todo um programa. É um golpe de génio.

Pompeu inventou a amizade literária quando, preguiçoso, infático, mediterrânico, esqueceu a tradicional quebra de relações com os companheiros da Universidade.

O esboroamento das relações obrigatórias estabelecidas nos bancos da Faculdade e baseadas na solidariedade da cáfila ou na ingenuidade e mais tarde comprometedora febre da descoberta adolescentes, é inevitável. Pompeu esqueceu a necessidade do afastamento, permaneceu colado à sua turma, com o carinho tompsonian de quem frequentou Eton, insistindo no abraço, que envolvia, teimoso pela distração, uma aula em peso.

Olhando em volta verificou, atônito, os estragos que a sua amizade ia causando. Uma turma, uma pauta inteira, afinal toda uma geração, que a ordem natural atomizaria, no ressentimento colectivo de quem nada quer saber de um passado hesitante e imberbe e o afasta pelo ódio ou o esquecimento dos seus símbolos, (porque, afinal, não temos nenhum Eton para

(Continua na última página)

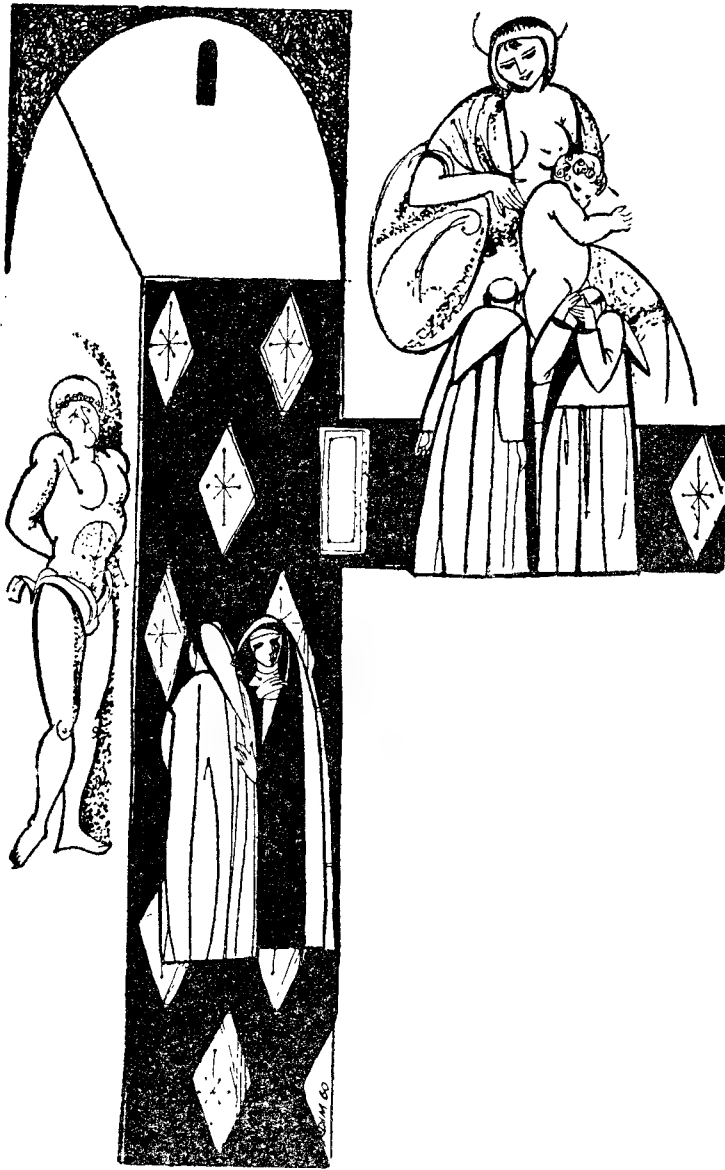


Ilustração de Luís Jardim para o «Itinerário Romântico de Portugal» de Manuela de Azevedo, que a Sociedade de Expansão Cultural vem publicando em fascículos

A INSEGURANÇA

de Pierre Daninos

«Os cadernos do major Thompson», de Pierre Daninos, atingiram uma venda de 800.000 exemplares e acabam de ser editados em «Livro de Poche». Daninos, que, apesar do seu frito, permanece pouco seguro de si, muito céptico e extremamente inquieto, afirmou, a propósito do seu novo livro, «M. Blot»:

— É uma mistura de Pierre Lazareff («France-Soir»), Pigozzi («Simca»), Jean Prouvost («Paris-Match») e «Marie Claire».

E ainda:

— Depois de alcançada a celebridade ganhando o concurso do francês médio não mudei. Não estou mais calmo que antes. Para aproveitar seis páginas tenho de escrever sessenta.

ETAPAS DO ROMANCE INGLÊS

“Filhos e Amantes” de D. H. Lawrence

por RICHARD HOGGART

De todos os romances de D. H. Lawrence, «Filhos e Amantes» tem muitos motivos para ser considerado o melhor. Sendo extremamente interessante em si mesmo, é ricamente descritivo e variado. A sua primeira parte retrata uma modalidade da vida da classe trabalhadora inglesa, e nenhum outro romance de qualquer período o fez melhor; a sua segunda parte revela as linhas que, mais tarde, viriam a constituir a maior contribuição de Lawrence para o Romance. O contraste entre as duas partes representa uma esclarecedora introdução aos problemas do desenvolvimento de um escritor.

«Sons and Lovers» (Filhos e Amantes), publicado em 1913, foi o terceiro romance de Lawrence. «The Trespasser» (O Intruso), de 1912, não tem grande interesse, o contrário sucedendo com «The White Peacock» (O Pavão Branco), de 1911, que, além disso, constitui uma introdução ao ambiente (a

zona mineira dos Midlands, a escassos quilómetros da grande cidade de Nottingham) e a alguns dos problemas de «Filhos e Amantes». Tudo nos leva a crer que Lawrence foi como que impellido a escrever um livro, em que ele tivesse que se confrontar com o seu próprio passado.

Assim, «Filhos e Amantes» é, em grande medida, autobiográfico, e, grosso modo, a sua relação com a ficção de Lawrence é a mesma que o «Retrato do artista como um jovem» para a de James Joyce.

Na primeira metade da obra, Lawrence descreve a vida da sua própria família e o seu longo esforço para uma autoconsciência e desígnios independentes. É um quadro extraordinariamente vivo, fiel, não-sentimental mas profundamente sentido.

Vêm-nos à memória, por exemplo, a visita ao recinto da feira, a morte do filho mais velho William, o dia de cozer o pão e de passar a ferro na sua casa, com o filho mais novo, Paul (o próprio Lawrence), doente, deitado no sofá.

«Ele, no seu semiconsciente so-

(Continua na última página)

QUASIMODO

— a nova poesia é social

No «Auditorium» da Universidade de Hamburgo, Salvatore Quasimodo, Prémio Nobel da Literatura de 1959, pronunciou uma conferência sobre «Discurso sulla poesia». O poeta italiano desenvolveu a sua concepção sobre carácter e tarefa da poesia. Quasimodo declarou que a nova poesia era social, embora não num sentido político e tendia do monólogo para o diálogo. Também a linguagem de Dante se purificara outrora por novos laços de conteúdo humano-real e ganhara em intensidade. «A atitude do poeta na sociedade não pode ser passiva: ele modifica o Mundo. As suas imagens fortes produzem maiores efeitos no coração dos homens do que a filosofia e a história. A poesia torna-se ética, precisamente pela sua beleza, pois a sua consciência de responsabilidade está em relação directa com a sua perfeição». Na actual contemplação da literatura, Quasimodo criticou sobretudo o formalismo que se opõe, segundo a sua concepção, a um «realismo ético». «A relação entre vida e arte constitui o centro, o poeta começou a conversa com o homem».

O Prémio Camilo Castelo Branco

— significado e candidatos

O Prémio Camilo Castelo Branco, instituído pela Sociedade Portuguesa de Escritores, é considerado extremamente significativo, o que se revela pelo numero e qualidade de obras concorrentes e pelo movimento de interesse que suscita.

Concedido pela primeira vez, há um ano, a José Rodrigues Miguéis,

sibilidades podemos situar Augusto Abelaira, com a «A cidade das flores», Alves Redol, com «Uma fenda na muralha», Fernando Namora, com «A cidade solitária», João de Araújo Correia, com «Folhas de xisto», Urbano Tavares Rodrigues, com «Bastardos do Sol» e «As aves da madrugada», e Virgílio Ferreira, com «Aparição».



AUGUSTO ABELAIRA



ALVES REDOL

que concorreu com «Lécha», editado pelos Estudos Cor, por decisão de um júri de que eram membros o prof. Jacinto do Prado Coelho e os dres. João Gaspar Simões, Mário Dionísio, Oscar Lopes e David

«A cidade das flores» é a primeira obra de Augusto Abelaira, nascido em 1926 e formado em História e Filosofia pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Alves Redol publicou «Gaibéus»,



FERNANDO NAMORA



JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

Mourão-Ferreira, o Prémio Camilo Castelo Branco vai ser atribuído, conforme determinação do regulamento, a uma obra de ficção publicada no último ano.

Apesar do sigilo que natural-

«Maré», «Avieiros», «Fanga», os «Reineiros», «Anúncio», «Porto Manso», «Horizonte serrado», «Oshomens e as sombras», «Vindima de sangue», «Olhos de água», «A barca dos sete leões»,



URBANO TAVARES RODRIGUES



VIRGÍLIO FERREIRA

mente se tem de manter em volta das obras concorrentes, sabemos que são dezoito os livros apresentados na Sociedade Portuguesa de Escritores para o Prémio Camilo Castelo Branco, tendo um autor concorrido com duas obras. Creio poder informar os nossos leitores que a decisão do júri, o mesmo de há um ano, será mais demorada. Porque a qualidade das obras submetidas à sua apreciação parece ser, na generalidade, superior à do ano passado, é de supor que o júri se encontra dividido.

Entre os autores com mais pos-

«Uma fenda na muralha», «Nasci com passaporte de turista», «Espelho», «O comboio das seis», «A vida mágica de sementinha», «Maria Emília», «Forja», «O destino morreu de repente», «Glória — uma aldeia do Ribatejo», «Ribatejo», «A Franca — da resistência à renascença», «Cancioneiro do Ribatejo», «Romanceiro geral do povo português».

Fernando Namora nasceu em 1919. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Coimbra. Publicou

(Continua na página seguinte)

LIVROS E AL

COMENTÁRIOS DE ALVARO SAL

«CALEIDOSCÓPIO»

versos de VASCO DE BARROS QUEIRÓS

Na diversidade e incontestável valia dos seus dons literários, falta a Vasco de Barros Queirós a terna unidade do escritor que superou o amadorismo contingente. A vocação revela-se na qualidade que, sob muitos aspectos, assina-las as criações do prosador e do poeta. Mas o dilettantismo está presente sob o véu da obra discorrente, como jogo que se deleita nas possibilidades da expressão sem nunca lhes imprimir o cunho do definitivo. A poesia de «Caleidoscópio» tem, realmente, a variedade de coloridos e de cintilações que o título sugere, desdobrando em temas multimodais, em formas que vão do simbolismo ao populismo, em estados de sensibilidade de indecisos sinais, uma autêntica arte de compor bonitos versos. Talvez este estilo de divergências seja, à sua maneira, uma forma de personalidade. Mas, em face dele, não se pode deixar de desejar que o autor se realize na plenitude de um caminho e que concentre as suas qualidades no que elas revelam de melhor: o sentido do ritmo na expressão, a ironia tocada de melancólica indulgência, a meditação aforística, a lírica visão das coisas simples.

Um belo poema deste livro, como «Deixa correr o rio», não acerta com a trivialidade de outros, como «Olhos negros», ou a habilidade transitória de muitas estrofes de «Viagem». Barros Queirós é um interessante mas desigual poeta, como é um valioso mas incerto prosador.



VASCO DE BARROS QUEIRÓS

Com razão assinala Urbano Tavares Rodrigues, em excelente prefácio, que neste «Caleidoscópio» vamos encontrar um pouco de tudo:

«certa amargura melancólica de frustração, julgamentos ético-sociais, um eco da fugacidade de inapreensíveis instantes da vida, uma filosofia empírica e epigramática, o gosto constante da definição e uma sempre alerta e vivaz veia satírica...». Em tudo, porém, está presente o genuíno poeta que já não precisa de pôr em dúvida a sua vocação nem de sorrir das suas criações. É precisamente de se considerar mais firmemente a sério como escritor que Vasco de Barros Queirós precisa — ou que precisamos os que acompanham com interesse a publicação dos seus livros — para

«O RETRATO ESBOÇADO»

por MANUEL DE S

Com o romance «Terra de Ninguém», publicado há alguns meses, pôde Manuel de Seabra tomar prontamente um lugar rodeado de simpáticas expectativas entre os nossos escritores de ficção. Logo nesse livro de estreia se verificava que o autor recém-revelado possui experiência literária, não só de leitura e convívios como de traduções numerosas; e, que essa experiência se baseia numa outra de mais complexo quilate como matéria de literatura: a densa experiência da vida em ambientes muito diversos, originais para o comum e flagrantemente de agitação cosmopolita. Esse primeiro romance resultou vivo e bem construído, apesar de muitas hesitações e de uma rebusca evidente de meios expressivos. Com «O retrato esboçado», agora trazido a público sob a mesma qualificação de *romance*, mas antes rotulável de novela pelo seu confinamento a uma situação psicológica em personagem único, não diminui Manuel de Seabra a promessa da sua vocação de escritor. Mas também não alarga muito fortemente — apesar da facilidade de improvisação que se adivinha nas suas páginas. O autor confirma as suas qualidades de imaginação novelística, a sua arte de esboçar o desenho de ambientes em breves traços, o seu hábil poder de entretecer na teia da ficção a experiência pessoal e a fantasia.

Começa este livro pela expressão imediata do absurdo camusiano numa consciência que não quis ou não pôde definir-se. O retrato psicológico de uma juventude fracassada, precocemente diluída em saturação de desalentos e misérias, impõe-se em rápido relance. E o que se desenrola até ao fim é sempre o mesmo soliloquio febril, erradido, dissoluto, em que se entretecem as re-

desej bre s que t firme vezes tro n Sal bra c

OS NOSSOS CONTOS

OS CINCO ESCUDOS DE PEPE

por JOÃO DE ARAUJO CORREIA

Quem primeiro anunciava, em cada Verão, a chegada do Circo era a criança. Pegulhos de cinco anos, informados sem se saber por quem, afiançavam que o Circo não tardaria a chegar e que trazia muitos palhaços e bichos sem conta — entre os quais um chimpanzé. Como de facto, daí a quinze dias ou vinte, o Circo aparecia. Mas, com poucos palhaços e nenhum chimpanzé. Deixá-lo! Era o Circo. Em volta dos homens que erguiam o toldo para a primeira representação, a criança gozava mais do que gozaria depois, vendo os palhaços. E' que o antegoço vale mais que o gozo. A' noite a criança não fazia mais do que escangalhar-se a rir diante dos «faz-tudos». Não que eles, com aqueles casacos, aqueles coletes e aquelas calças; com aquelas botas compridas e chatas, que faziam «chape, chape» no pavimento do circo; e aqueles chapéus minúsculos poisados na coroa da cabeça hirsuta — ainda que não trabalhassem, dando incríveis boleus próprios de doidos, faziam cócegas à gente. Quanto mais a criança! O Circo era para eles, para os miúdos.

Naquele ano, porém, logo na primeira noite — na estreia ou «première» — faltou no elenco aquele que era considerado o sol da companhia. Nada mais, nada menos do que o celeberrimo «Cascavelito», cómico internacional capaz de fazer rir um morto. Foi com lágrimas nos olhos que o director do circo anunciou ao respeitável publico a doença súbita de «Cascavelito». Com farrapos de todas as línguas, o director do circo, «gentleman» português, improvisou um discurso comovente, cujo remate foi o seguinte: «está muito mal, coitado, mas com a ajuda de Deus, melhorará».

Com a ajuda de Deus, fui eu o médico de cabeceira de «Cascavelito». E bem «Cascavelito»! O que mais salientes longes de cascavel lhe dava era, além da magreza do corpo e do envelhecido da face, o aspecto das orelhas largas despendadas do cranio. Quando o visitei pela primeira vez, tive ganas de me rir, contemplando com olho de médico o rosto de «Cascavelito». Era uma revelha cara de cortiça, massada aqui e alem pelos dedos ábeis de qualquer escultor experimentado em efeitos cómicos. Desta máscara irrompia petulantemente um nariz arrebitado. Cara ómica! No entanto, verifiquei que o bom do «Cascavelito» estava muito doente. Bebia o ar aos golinhos, impurrando-o com esforço, como se teimasse em beber a sobreposse um copo de veneno cáustico. Esta ansia fazia-lhe avultar as salien-

cias cómicas do rosto e exteriorizar os bugalhos dos olhos incendiados. Como falasse aos sacões desconexos uma língua que me pareceu espanhola, mal o percebi. Quem me valeu como intérprete foi a mulher do palhaço, criatura nédia, cujo olhar inquieto oscilava como pêndula rápida entre os meus olhos e os olhos do marido. Falou-me claramente num «escalofrio» e num dolor de «costados». Mostrou-me numa escarradeira um espoto cor de telha. Quando auscultei o doente, fiquei encantado

«Novelas de Narsiso»

de Francisco de Sousa Neves

Na colecção «Antologia da», dirigida por Mário Césariny de Vasconcelos, foi publicado o texto de Francisco de Sousa Neves «Novelas de Narsiso». Esta obra, que despertou o mais vivo interesse nos meios literários, corresponde inteiramente à expectativa, pois trata-se de um livro que reflecte uma experiência mística, traduzida numa linguagem de um vigor e sonoridade raros. O volume inclui uma interessante fotografia de Denis Salgado. A distribuição do livro é feita pela Livraria Ática.

com o sopro tubar que ouvi. Era uma pneumonia.

Tratei o melhor que pude aquela glória cómica internacional, fazendo-lhe duas visitas ao dia — uma pela manhã, outra á tardinha. De todas as vezes que eu entrava no quarto, surpreendia a mulher ajoelhada diante de uma imagem de Nossa Senhora «del Pilar» — uma Nossa Senhora do Pilar muito pequenina, anichada numa pilheira forrada de papéis de seda. Do bordo da pilheira até ao chão do quarto descia um escadório formado de caixotes revestidos de idêntico papel. Em cada degrau ardiam duas velas, uma de cada lado. Era uma tribuna.

Os lumes da cera benta, o ar abafado da alcova e aquela mulher aflita diante de uma pequenina imagem poderosa despertavam no meu espirito a reminiscência de uma capela em que porventura estive ajoelhado, com aflicção igual, num século remoto. Logo que eu entrava, a mulher nutrida levantava-se e começava a fakzar comigo o seu espanhol veemente — misto de audácia e de tenor. Acarinhava o marido diante de mim para que ele se deixasse seduzir pela minha presença calma — própria de homem iniciado na arte de curar. Ou lhe chamava «Pepe» ou «hijo mío».

No dia em que Pepe, com menos temperatura e menos ansia, me pareceu regressado de uma viagem de balão a este Mundo firme que pisamos, a boa da espanhola quase se mostrou salerosa. Foi então que o Pepe, cujo cerebro se me afigurou infantil, me começou a contar a sua vida de trabalho rude desde pequenino. Como, porém, a linguagem de Pepe era onomatopáica e entrecortada aqui e alem de silêncios lacrimosos, confesso que não cheguei a apurar a vida de Pepe senão a faculdade cómica e o desejo de se matar no circo com uma queda de efeito ilariante. Contava-me que subia a um trapézio para imitar lá em cima os exercícios complicados e arriscados de um célebre acrobata. Imitava-o muito bem, mas, no melhor da festa, largava pés e mãos «del aparato» e estatelava-se no tablado no circo, produzindo um som obs-

«no que era segredo seu. «May bruto»...

Dizia sempre «muy bruto» no fim de cada capítulo das suas memórias circenses. «Muy bruto!». Dizia-o com convicção da sua inferioridade mental e da sua probidade de profissional capaz de tudo para cativar «el publico».

Espacei as visitas quando entendi que o doente quase as dispensava. No entanto, eu gostava de conversar com Pepe. Não para o ouvir, todavia, para lhe analisar a máscara de cómico, mais eloquente do que a sua lingua perra e o seu olhar já apagado. Ia de vento em popa a convalescência do meu pneumónico, e eu, atraído por este abismo da sua carantinha, ainda o visitava. Sabendo que os doentes começam a detestar o medico no dia em que se veem salvos, nem por isso eu deixava de me abeirar da cabeceira de Pepe, a fim de insondar as rugas da caveira. Nem sequer notava que o Pepe, cliente excepcional, tanto se alegrava como se incomodava com a minha presença. Torturava-o qualquer ideia secreta. A mulher tinha emudecido. Os remédios que eu receitava não lhe faziam bem nem mal, porque o Pepe os não tomava. Desculpava-se de os não tomar, abrindo a boca e fechando os olhos. A patroa que lhe alugara o quarto mostrava-me má cara quando eu lhe dava os bons dias ou as boas tardes. A companhia levantara ferro, lá longe... Trabalhava já na feira de Viseu. O Pepe e a mulher esperavam «del director» uma carta que não vinha. O Pepe ruminava qualquer consumição inconfessável. Não teria dinheiro?

Quando lhe dei alta, perguntou-me timidamente quanto me devia.

— Nada!

Assim que eu disse isto, de cada olho de Pepe saltou uma lágrima reboluda. Fitou-me assim choroso durante dois minutos. Depois meteu uma páfica descarnada debaixo do travesseiro e retirou de lá uma bolsinha. Abriu-a com satisfação de quem se sente rico e generoso. Daí a pouco, brilhava entre o dedo indicador e o polegar de Pepe uma moeda de cinco escudos. Entregou-ma, dizendo:

— «Fume usted un cigarrito»!

Não fumei o «cigarrito», mas guardei os cinco escudos de Pepe como recordação de um doente que me pagou bem.

(Do livro «Contos durienses»)



Pintura de Leg

VALORES

JO SALEMA

que esses livros venham realmente a constituir uma obra. Num rumo que parece muito distanciado deste volume de versos, mas na realidade tem com ele um nexo mais fundo que a aparência, ocorre lembrar que Barros Queirós realizaria, certamente, obra de perdurável significação se quisesse dedicar-se a uma forma, que poderia ser muito sua, de literatura memorialística. Entretanto as prosas e versos deste escritor são o testemunho de uma força íntima que é apreciável por si mesma. E é assim, talvez, que cumpre acima de tudo para

VALORES

JO SALEMA

Vindicações difusas e um presente enevoado e vago. O romance, ou novela, traça nessa atmosfera amarga um panorama restrito de juventude desesperada e destrutiva, sob o desespero do tédio e da instabilidade, viciosa dos ócios forçados ou



MANUEL DE SEABRA

desejados — mas sem um vislumbre sequer da juventude autêntica, que trabalha e luta com os pés bem firmes no quotidiano, mas muitas vezes voltada à expectativa de outro mundo possível. Sabe muito bem Manuel de Seabra que essa juventude literalmen-



ra de Jeger

te excentrica, pseudo-artista e pseudo-intelectual como disfarce do seu parasitismo, é apenas a espuma sordida na superfície literária das águas inquietas do nosso tempo. Não é testemunho de esperança no Homem dar o retrato — aliás vivo e penetrante — dessa «nouvelle vague» fictícia e transitória como se outras vagas de raízes mais profundas não existissem. E aquela só na aparência é literariamente mais rica e fecunda como tema. O próprio Manuel de Seabra o verificará, sem dúvida, quando lhe reconhecer a caducidade e o artifício. Em qualquer caso, não deixa um eco feliz de realidades humanas mais vastas e perduráveis este romance das novas gerações desesperançadas.

O estilo do autor, aqui muito mais sensivelmente do que em «Terra de Ninguém», é quase sempre demasiado sacudido, duro, até agressivo. Sugere uma improvisação rápida e fácil, mas não invalida a possibilidade de melhor composição formal. E são de técnica aventureira, nem sempre resultando atractivas e convincentes, certas fórmulas literárias a que Manuel de Seabra recorre, como a de integrar na narrativa figuras e alheios romances, como se de personagens vivas e próprias se tratasse.

Com tudo isso, o livro tem interesse e revela um escritor de ficção com possibilidades a valorizar extensamente. Mas será indispensável que ao autor se revelem literariamente outros mundos mais humanos. (Coleção Dédalo, edição do autor, Lisboa).

REGISTO

● Em 2.ª edição, apresentada pela Coimbra Editora, reapareceu a sugestiva obra do dr. Fernando Correia «Vida errada — O romance de Coimbra», pela primeira vez dado a lume em 1933. Como «álbum familiar de saudades de antanho», que assim o qualifica o autor, «como crónica excessivamente romântica, como romance talvez crónica demais», este livro figura por todos os títulos entre os mais interessantes que o ambiente e a vida escolar de Coimbra têm inspirado. Escrito com intensidade emotiva, com calor de sentimento e de recordação, com espontânea naturalidade e elegância, é o retrato desataviado e franco de um espírito altamente cultivado a que não falta o gosto literário. Todos os que partilharam o sortilégio juvenil da vida académica coimbrã hão-de encontrar nas páginas de «Vida Errada», entre a evocação de gerações diversas, o cunho perene da saudade que sempre envolve as memórias romantizadas.

● Outro livro de recordações, mas de ambiente e sentido muito diversos, é o volume «A Cruz na Guerra», do dr. Avelino de Figueiredo, editado pelo autor e distribuído pela Livraria Popular Francisco Franco, de Lisboa. Como capelão do Corpo Expedicionário Português em França, na guerra de 1914-18, teve o autor a experiência dolorosa das horas amargas que os combatentes viveram, das suas ansiedades e esperanças; mas o livro confina-se a documentar a acção pessoal do capelão militar e várias circunstâncias a que esteve ligado pelas suas funções. É mais um repositório informativo, com algumas referências curiosas e certas alusões polémicas, do que obra de recordação impressiva e sentimental. Sob essa perspectiva se deverá atribuir-lhe merecido interesse.

● «Santofânia», romance de Luis de Carvalho e Oliveira, é mais uma obra desenhada sobre o tradicional ambiente do Douro, com as suas crises vitivinícolas, o contraste milenário do pobre e do rico, o desamparado de um servindo de esteio ao egoísmo de outros. Carvalho e Oliveira, que só havia publicado anteriormente estudos de economia, criminologia e direito, revela neste primeiro livro de ficção qualidades imaginativas e talento flagrante de narrador. A sua maneira de escrever, todavia, é demasiadamente «trabalhada», numa prosa de intenções vernaculares a que falta, emperradamente, o sentido constante do ritmo; e a própria narrativa se complica, por vezes, com escusados desvios, que a sequência da criação literária evitará certamente, em obras futuras do autor. — Coimbra Editora.



Uma tela exposta na exposição internacional de Bruxelas

O Prémio Camilo Castelo Branco da Sociedade Portuguesa de Escritores

(Continuação da página anterior)

«As frias madrugadas», «As sete partidas do Mundo», «Fogo na noite escura», «Casa da Malta», «Minas de S. Francisco», «Retalhos da vida de um médico», «A noite e a madrugada», «Deuses e demónios da medicina», «O trigo e o joio», «O homem disfarçado» e «Cidade solitária». Recebeu os prémios «Vértice», «Almeida Garrett» e «Ricardo Malheiros». É sócio correspondente da Academia das Ciências.

João de Araújo Correia nasceu em 1899. Formou-se em Medicina e publicou «Sem método», «Contos bárbaros», «Contos durienses», «Terra ingrata», «Miscelânea», «do lar», «Casa paterna», «Caminho de consortes», «Cartas da montanha» e «Folhas de xisto».

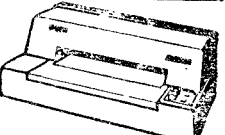
Urbano Tavares Rodrigues publicou «Santiago de Compostela», «Manuel Teixeira Gomes», «A porta dos limites», «Présentation de Castro Alves», «Vida perigosa», «Jornadas no Oriente», «A noite roxa», «Uma pedrada no charcão», «O tema da morte na moderna poesia portuguesa», «Jornadas na Europa», «Bastardos do Sol», «As aves da madrugada». Recebeu o prémio «Ricardo Malheiros». É formado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Virgílio Ferreira, nascido em 1916, licenciou-se em Filologia Clássica. É professor de liceu. Escreveu «O caminho fica longe», «Onde tudo foi morrendo», «Vagão J», «Mudança», «A face sangrenta», «Manhã submersa», «Do mundo original», «Apelo da noite», «Cântico final», «Carta ao futuro» e «Aparição».

Segundo se crê são estes os autores que parecem interessar mais o júri.

Regulamento do prémio

A Sociedade Portuguesa de Escritores e o Grémio Nacional de Editores e Livreiros



UM NOVO SISTEMA DE PROTECÇÃO DE DOCUMENTOS POR PLASTIFICAÇÃO. em exposição na YADECA

tores e Livreiros deliberaram promover a criação de um prémio literário, animados pelo desejo de estimular a criação e expansão da literatura nacional. Para esse fim se cria o presente Regulamento por cujas disposições deverá reger-se a atribuição do «Prémio Camilo Castelo Branco».

ARTIGO 1.º — A Sociedade Portuguesa de Escritores institui, com o patrocínio do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, o prémio literário «Camilo Castelo Branco» para a prosa de ficção — romance, novela ou conto.

ARTIGO 2.º — O prémio será concedido anualmente e o seu valor será para cada ano previamente anunciado pela Comissão de Prémios Literários do Grémio Nacional de Editores e Livreiros em comunicação feita directamente à Sociedade Portuguesa de Escritores até ao dia 30 de Novembro.

A mesma comissão do Grémio Nacional de Editores se ficará devendo as diligências de reunir, junto dos agraciados, a quantia necessária à realização deste prémio.

§ Único — Se o montante recolhido não atingir a quantia de esc. 30.000\$00, enquanto mil escudos — a Sociedade Portuguesa de Escritores, juntamente com a acima referida Comissão do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, poderão acordar em não atribuir o prémio.

ARTIGO 3.º — Os prémios serão atribuídos por deliberação do júri constituído nos termos deste Regulamento aos livros publicados em primeira edição, entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro do ano precedente, originais de autor português e sócio da Sociedade Portuguesa de Escritores, e de que foram enviados, pelo autor ou editor, 6 (seis) exemplares até oito de Janeiro do ano seguinte ao da sua publicação.

§ 1.º — Os livros poderão ser enviados sob registo ou entregues contra recibo na Secretaria da Sociedade Portuguesa de Escritores, com a indicação de que se destinam ao prémio.

§ 2.º — Os livros considerar-se-ão pertença dos membros do júri, destinando-se o 6.º exemplar à Biblioteca da Sociedade Portuguesa de Escritores.

ARTIGO 4.º — O júri será constituído por cinco pessoas de reconhecida idoneidade intelectual e no pleno uso dos direitos de sócios da Sociedade Portuguesa de Escritores, sendo:

- um dos membros designado pela direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores;
- outro pela Comissão de Prémios do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros;
- um terceiro eleito pela assembleia dos corpos gerentes, efectivos e suplentes;
- os restantes dois membros do júri serão escolhidos de uma lista de 10 nomes elaborada pela referida assembleia dos corpos gerentes,

sendo um designado pela Comissão de Prémios do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros e outro eleito, em escrutínio secreto, pela direcção da Sociedade Portuguesa de Editores.

ARTIGO 5.º — O júri reunirá oito dias após a designação dos seus componentes, elegendo entre si um presidente, que terá a iniciativa das convocações, e um secretário que redigirá as actas.

ARTIGO 6.º — As reuniões do júri são secretas deliberando em plena independência e liberdade de critério.

ARTIGO 7.º — Haverá um unico classificado, por unanimidade ou maioria, não sendo publicamente revelados os nomes dos restantes concorrentes.

§ 1.º — O prémio não pode ser atribuído mais do que uma vez ao mesmo autor.

§ 2.º — O júri poderá deliberar a não atribuição do prémio unicamente por motivos de qualidade.

ARTIGO 8.º — A Comissão de Prémios Literários do Grémio Nacional de Editores e Livreiros nomeará um delegado que, juntamente com o Secretário da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, verificará o exacto cumprimento deste regulamento, sobre o que darão parecer que será assinado conjuntamente e apenso à acta da decisão do júri.

ARTIGO 9.º — Até ao fim de Fevereiro o júri enviará cópias assinadas da acta final à direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e à Comissão de Prémios do Grémio Nacional de Editores e Livreiros.

ARTIGO 10.º — A direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e a Comissão de Prémios do Grémio Nacional de Editores e Livreiros combinarão entre si a sessão solene da entrega do Prémio Camilo Castelo Branco.

ARTIGO 11.º — Disposição transitória: os prazos referidos nos art.ºs 3.º e 9.º para o prémio a atribuir em relação à produção de 1958 são prorrogados para as datas a fixar em aviso publicado na Imprensa diária.

FOTOCÓPIAS

de páginas de livros, catálogos, processos, escrituras, desenhos partituras, contratos e quaisquer outros documentos

EXECUTA:

ED. A. NASCIMENTO

Rua das Flores, 71, r/c.

(ao Camões)

Telef. 2 04 00 — LISBOA

FEIRA DAS VAIDADES

(Continuação da 13.ª página)

pôr na lapela), mantinha-se coesa. Na verdade, uma coesão involuntária, dolorosa, de presidiários. O abraço de Pompeu atara-os a todos, como a corda hábil e sólida de Hopalong Cassidy. Pompeu era o nó cego que nenhum resolvia, perplexo pela novidade. Pompeu era o cimento que todos tinham penetrado ainda fresco e que secara subitamente. A turma estava atolada na amizade pegajosa de Pompeu. Foi assim que se surgiu a geração, aprisionada pelo abraço macio mas seguro de Pompeu.

E como Papin, ao olhar a sua marmitta ainda anónima, a fumar o vapor que faria mover um século, Pompeu descobriu o princípio. Só então despertou da sua preguiça genial para passar ao comando. Como todo o aluno da Faculdade de Letras Pompeu compreendeu que a única saída era a ficção. Mas se as pautas anteriores se desintegravam, em acções isoladas e dispersas, Pompeu conduziu a turma com a autoridade da grude.

O desastre total de um neo-realismo que aprendeu a fome em Caldwell, o ritmo em Jorge Amado e a incoerência em Steinbeck, lançara os autores para a estratégia da escaramuça. Aliás a guerra privada, na estrutura do feudalismo literário que se esboçava. Como numa Idade Média onde a própria paz tinha uma hierarquia — a Paz de Duque era menos convincente que a Paz do Rei e esta menos segura que a Paz de Deus — surgiu a Paz de Pompeu. Porque se ter amigos em duas trincheiras e, mais que ambiguidade, vergonhoso jogo duplo, ter amigos em todas as trincheiras é ecletismo, generoso e rasgado. O fracasso das anteriores tentativas da conversão da amizade em estratégia literária deviam-se à sua intermitência. Pompeu aliou-se com todos. A sua concepção universalista de amor imobilizou os outros na perplexidade. Foi o preciso espaço de tempo para Pompeu publicar três livros que os outros, ao ricochete da amizade, elogiaram da forma que só muito depois consideraram excessiva. Mas já era tarde. A resposta nervosa e impensada à ofensiva de amor era terrivelmente comprometedor. Era puro reflexo. Pompeu batera no joelho dos outros com o martelo de borracha. O entendimento da manobra de Pompeu já não pode ser revoltado mas silencioso e afinal inofensivo.

Pompeu conquista amigos pelo processo da inundação. É impossível resistir a uma simpatia líquida, penetrante, insistente. Pompeu limita-se a abrir as torneiras e o nível do amor sobe, ultrapassa o zuaivo do Sena e submerge os mais escarpados. Pompeu percorre Lisboa abraçando-nos a todos. Galga a Vila Martel para abraçar Nikias. Precipita-se para a Rua de S. António da Glória, atinge a Avenida e abraça João de Freitas Branco, à saída da Bucholz. Salta para um «eléctrico», desce na curva de Alexandre Herculano, otega até à Smarta e abraça Daniel Filipe. Metete-se num «taxi», salta no Rossio, atravessa o «Gelo» e abraça Cesariny. Sai pelo lado da 1.ª de Dezembro, penetra no Café Restauração e abraça Neves Aguiar. Lança-se para a livraria Portugal e estreita David Mourão Ferreira. No Café Chiado agarra Relógio e logo depois, na diagonal da Bertrand, Pernes. Namora é apanhado mais acima, em frente da igreja dos Mártires. Fernanda Botelho olha a montra do «Ao último figurino». Bernardo Santareno vem da «matinée» do S. Luís. Tomás Ribas volta do S. Carlos. Paulo-Guilherme é obrigado a parar, pelo sinalizador, no Largo do Chiado, e estava muito vulnerável, no seu descapotável. Na Brasileira é um autêntico massacre. Gaspar Simões já vai ao fundo, a cortar para a Bertrand. Mas não escapa. Leão Penedo oculta-se atrás de uma estante. Em vão. Rogério de Freitas está perto.

Pompeu abraça-os a todos, macio mas vigoroso. São algemas de seda. Como o ficheiro é vasto, utiliza o telefone. Através das centenas de metros de fio, Pompeu canta, positivamente canta, como Al-maviva, sob o disfarce evidente de Lindoro, para a Rosina, enclausurada por D. Bartolo. Os outros abraçam, submersos, afogados no amor. Mas Pompeu citou-os, no longo e compacto parágrafo da entrevista. O seu ecletismo é, afinal, um completo, um exaustivo «Who's

who» literário. Pompeu tem uns olhos de insecto, facetados, polidricos, e olha com amizade em todas as direcções.

A História regista as amizades de Aquiles e Patrocolo, Orestes e Pilades, Conrado de Hohenstanfen e Frederico de Bade, Luís da Baviera e Frederico de Austria, Buffon e Daubenton, Goethe e Shiller. Amizades restritas e medíocres, se as compararmos com a de Pompeu, ilimitada, incessante, irradiante, absorvente, tentacular, sugante. Pompeu pertence ao capítulo da «science-fiction».

ESCAPARATE

(De 10 a 17 de Maio)

Título — «Africa nossa irmã».

Autor — Margarida Lopes de Almeida.

Gênero — Reportagem.

Editora — Livros de Portugal.

Preço — 35\$00.

Numero de páginas — 152.

Título — «Rifoneiro do mar».

Autor — Comandante A. Coutinho Lanhoso.

Gênero — Poesias.

Editora — Livraria Galaica.

Preço — 20\$00.

Numero de páginas — 90.

Título — Contos — 2.ª.

Autor — Mário Faria de Carvalho.

Gênero — Contos.

Editora — Portucalense.

Preço — 15\$00.

Numero de páginas — 132.

Título — «O juiz e a pedra».

Autor — Fernando Luso Soares.

Gênero — Contos.

Editora — «Verbo».

Preço — 30\$00.

Numero de páginas — 150.

Título — «Da política de sigilo nos Descobrimentos».

Autor — Jaime Cortesão.

Gênero — Ensaio.

Editora — Coleção Henriquina.

Preço — 10\$00.

Numero de páginas — 170.

Título — «O naufrágio».

Autor — José Carlos Gonzales.

Gênero — Poesia.

Editora — Ed. do autor.

Preço — 20\$00.

Numero de páginas — 46.

Título — «Praia deserta».

Autor — Margarida Pelágio.

Gênero — Poemas.

Editora — Ed. da autora.

Preço — 15\$00.

Numero de páginas — 28.

Título — «Gandana e outros contos».

Autor — Nuno Bermudez.

Gênero — Contos.

Coleção — Prosadores de Moçambique.

Preço — 25\$00.

Numero de páginas — 118.

Título — «Ballets».

Autor — Arnold Haskell.

Tradução — José Estevão Saspores.

Gênero — Ensaio.

Editora — Europa América.

Coleção — Saber.

Preço — 25\$00.

Numero de páginas — 212.

Título — «Fundamentação da Metafísica dos Costumes».

Autor — Kant.

Tradução — Prof. Paulo Quintela.

Gênero — Ensaio.

Editora — Atlantida.

Coleção — Biblioteca Filosófica.

Preço — 17\$50.

Numero de páginas — 120.

Título — «Tigres no céu».

Autor — Karel Kille.

Gênero — Ficção científica.

Editora — Popular.

Preço — 10\$00.

Numero de páginas — 160.

TERMINOU

A PUBLICAÇÃO

DE «LISBOA»

album da Costa Martins e Victor Palla

Terminou a publicação dos fascículos do admirável album «Lisboa», de Costa Martins e Victor Palla, com as mais vigorosas e expressivas imagens fotográficas da cidade e poemas de Eugénio de Andrade, António Botto, Álvaro de Campos, Orlando da Costa, José Gomes Ferreira, Sebastião da Gama, David Mourão-Ferreira, Sidónio Muralha, Almada Negreiros, Alexandre O'Neill, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Ricardo Reis, Armindo Rodrigues, Mário de Sá-Carneiro, D. Sancho, Jorge de Sena, Alberto de Serpa, Cesário Verde e Gil Vicente. «Lisboa» revela uma cidade nova, na fixação do seu rosto autêntico, na reportagem impressionante e exacta da máquina fotográfica. Se Martins e Palla não podem deixar de ser objectivos, as suas fotografias revelam também e sobretudo a essência de Lisboa, a sua atmosfera, a sua voz. A excelente paginação e a inclusão de poemas inéditos de Eugénio de Andrade, José Gomes Ferreira, Alexandre O'Neill, David Mourão-Ferreira, Armindo Rodrigues e Jorge de Sena valorizam esta obra única e preciosa.



Imagem do ultimo fascículo de «Lisboa»

Etapas do romance inglês

(Continuação da 13.ª página)

no, vagamente se apercebia do bater do ferro de engomar no suporte, do leve baque, baque da tábua de engomar. Uma vez desperto, abriu os seus olhos para ver a sua mãe, de pé, no tapete grosso da lareira, com o ferro quente junto da face, como se estivesse a ouvir o calor. A sua face parada, com a boca bem apertada dos sofrimentos, desilusões e sacrifícios, o seu nariz com o pedaço menor para um lado, os seus olhos azuis tão jovens, vivos e quentes, fizeram contrair o seu coração com amor.

Mas a luta entre o pai e a mãe domina esta parte. A mãe é orgulhosa, desesperadamente ansiosa por dar uma educação aos seus filhos e ferozmente ressentida das grosserias de mineiro do seu marido. Lawrence declarou alguns anos mais tarde que, na sua opinião, pintara seu pai com severidade. Certamente, sente-se certa ambiguidade nas suas atitudes: em parte, ele nutre simpatia pela dificuldade frustrada do grosseiro mineiro em compreender a «educação» superior de sua mulher, e gosta do calor, delicadeza e humor que ele sabe mostrar, quando não é importunado. Na segunda parte do livro, o pai retira-se para o segundo plano e a mãe torna-se apenas num elemento do novo tema — o das relações amorosas entre homens e mulheres.

Paul é já um homem e a história gira em torno da sua luta para «se encontrar», para se descobrir através de três relações em conflito: sua mãe, com uma rapariga «espiritual» chamada Miriam, e com uma outra, mais aberta — Clara. A mãe perde, como todas as mães perdem no fim, mesmo apenas com o decorrer do tempo: Clara, dando a Paul a satisfação carnal sem um ar de sacrifício religioso, ajuda-o a romper com as suaves e etéreas restrições de Miriam.

«Paul, ao abandoná-la, sentia que a defraudava na sua vida: Mas sabia também que, ficando com ela, abafando o seu íntimo de homem desesperado, estava a negar a si próprio a vida. Não esperava dar-lhe a vida, negando a si próprio a sua».

O livro termina com Paul só, mas mais seguro de si próprio, partindo para enfrentar o seu próprio futuro.

As linhas finais são típicas do sentido da obrigação imaginativa do indivíduo de uma fase de desenvolvimento de muitos escritores ocidentais do presente século: «Mas não — ele não cederia. Voltando-se bruscamente, caminhou em direcção da doirada fosforescência da cidade. Seus punhos estavam cerrados, a sua boca tensamente fechada. Não, ele não tomara a outra direcção, para o escuro, para a seguir. Caminhou, pois, depressa para o abafado sussurro e brilho da cidade».

Nesta segunda parte, pois, podemos já ver qual foi a proeminente contribuição de Lawrence para o romance inglês — a subtil análise da alta e baixa psicológica das relações entre homens e mulheres. A exploração especial deste aspecto atingiu a culminância com «The Rainbow» (O Arco-Íris), de 1915, e «Women in Love» (Mulheres Apaixonadas) (1920). Quase no fim da sua vida — Lawrence morreu em 1930, com 45 anos de idade — as suas sondagens transferiram-se para uma região tão subtil e abstracta que enfraqueceram os seus romances. Mas todos os seus livros têm partes soberbas — quer se tratem de romances, contos, poemas e dos sumamente evocativos livros de viagens, quer se tratem de críticas sociais e literárias, penetrantes e incisivas.

Por isso, D. H. Lawrence enfileira-se ao lado dos dois ou três maiores escritores produzidos na Inglaterra nos últimos cinquenta anos.

P O E M A

Seja caminho toda a incerteza.
Cada certeza apenas um degrau
E não paremos nunca.
O infinito é infindo apenas porque nós
Não bastamos para chegar-lhe ao fim.

Ângelo de Macedo

OS VELHOS

POR ALEXANDRE O'NEILL

Em suma: somos os velhos
Cheios de cuspo e conselhos,
Velhos que ninguém atura
A não ser a literatura

E outros velhos. (Os novos
Afirmam-se por maus modos
Com os velhos). Senectude
É tempo não é virtude...

Decorativos? Talvez...
Mas por dentro (era uma vez...)

Velhas atrozes, saídas
De tugúrios impossíveis,
Disparam, raivosos, o dente
Contra tudo e toda a gente.
Velhinhas de gargantilha

Visitam o neto, a filha,
Velhinhas de gargantilha
Visitam o neto, a filha,
E levam bombons de creme
Ou palitos «de la reine».

A ler p'lo sistema Braille
— O' meus senhores escutai! —
Um velho tira dos dedos
Profecias e enredos.

Aqueloutros (os coitados!)
Imaginem-se poupados
Pelo tempo, e às escondidas
Partem p'ra novas surtidas...

Muito digno, o reformado
Perora, e é respeitado
Na leitaria: «A mulher
É em casa que se quer!»

Velhotes com mais olhinhos
Que tu, fazem recadinhos
Pedem tabaco ao primeiro!
E mostra-se pouco dinheiro...

E os que juntam capieiras
E fotos de mulheres nuas?
E os tontinhos, os gaiteiros,
Que usam cravo e põem cheiros?

(Velhos a arrastar a asa
Pago bem e vou a casa).

E a velha que se desleixa
E morre sem uma queixa?
E os que armam aos pardais
Nessas hortas e quintais?

(Quem acerta co' os botões
Deste velho? Venha a cidade
Ajuda-lo a abotoar
Que não faz nada de mais!)

Velhos, ó meus queridos velhos,
Saltem-me para os joelhos:
Vamos brincar?

(Do Album «Lisboa» de Costa
Martins e Victor Palla).



TERROR NOS ESTUDIOS

por ALAN PAYNE

IV CAPÍTULO

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — O detetive privado Romo Spain e o seu ajudante Hood investigam a morte da jovem «estrela» da televisão Trudy Craig. São suspeitos Rex Rico, dono de um clube nocturno, a mulher do produtor Pressman e Dan Craig, irmão da assassinada. Este tem um sólido alibi.

A VERSÃO DE JOHNNY

O apartamento no qual Saul Pressman guardava a sua mulher era em Lake Shore Drive. O rapaz do elevador informou-me que o apartamento era no nono andar. Atravessei um largo patamar e premei o botão da campainha. A porta foi aberta por uma criada, pergun-



tou o meu nome e conduziu-me até uma sala. Monica Pressman encontrava-se sentada numa cadeira imponente. Quando entrei vi que colocava um livro sobre uma mesa. Era uma obra de Kafka. Olhei-a e achei que o livro não condizia. Isso esclareceu-me sobre a qualidade da pessoa que ia enfrentar. — Como está? O meu nome é John Hood.

Mostrei-lhe a minha licença que ela examinou. — John Hood — disse ela, numa voz agradável. Sorriu de uma maneira falsa. Aproximou-se do bar e voltou-se. — Sente-se, por favor, sr. Hood. Vou servir-lhe uma bebida. Pedi um «scotch». Enquanto ela preparava a bebida, disse-lhe: — Trudy Craig foi assassinada esta manhã, sr. Pressman. Ela ficou imóvel. — Não posso dizer que lamento. — Creio que não. — Trabalha para o meu marido? — Em parte, Romo Spain, o meu chefe, conheceu o sr. Pressman na Califórnia. Deu-me a bebida, voltou ao bar e começou a preparar a sua. — Não compreendo bem a sua presença nesta casa, sr. Hood. — Estou aqui antes da chegada da Polícia. Venho a pedido de seu marido. Interessa-me saber o que fez a senhora esta manhã, entre as oito e meia e as dez. — Não lhe darei essa informação. — Como quiser. Mas se o caso se resolver amanhã ver-se-á envolvida em escândalo. — Não gosto de si, sr. Hood. — Amanhã todos os jornais da cidade publicarão a reportagem do caso com os maiores pormenores. E' um bom naco. O produtor, a pequena Cinderela e a mulher que, salvo o erro, não queria conceder o divórcio. — Saul fala demais! — Porque não quer falar? — Quer dizer que sou suspeita? Pensa que matei aquela pobre Trudy?

Ela teve um riso maldoso. — E' isso que pretende insinuar? — perguntou. — Sim. Voltou ao bar. Pensei que fosse buscar outra bebida. Realmente foi arranjar outra bebida mas para a lançar na minha face. Segurei-a vigorosamente e obriguei-a a sentar-se. Depois acendi um cigarro e esperei. Ela ergueu-se, extremamente pálida, e dirigiu-se à porta.

— Georgianne, vem cá, por favor. A criada entrou. — Faz favor, sr. Pressman. — A que horas entraste esta manhã? — A' hora do costume, oito da manhã. — Eu estava em casa? — A rapariga riu. — E' claro que estava. Porquê? — Este homem — disse Monica Pressman — é um detetive. A rapariga percebeu. — A senhora dormiu até às onze horas. Não saiu durante todo o dia.

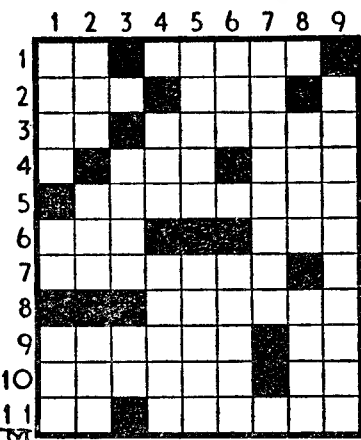
Pus o chapéu e dirigi-me à porta. — Obrigado pela informação — disse. Sai, pensando que quase todos tinham querido matar Trudy Craig. Risquei o nome de Monica Pressman, cogitando senão teria sido qualquer das figuras fabulosas do universo de Lewis Carroll. Na paragem do autocarro senti fome. Fui comer uma «hamburger» num bar. Dirigi-me ao bairro dos artistas, expatriados e extravagantes. Foi ali que encontrei Rex Rico. AMANHÃ: A RESPOSTA DE RICO.

pequeno MAGAZINE

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1957



HORIZONTAIS: 1 — Carta de jogar. Civilizar. 2 — Recusa. Rio da Rússia, afluente do mar de Azov. 3 — Porco. Local onde ocorre qualquer acontecimento notável. 4 — Cincho. Chefe etíope. 5 — Galhofes. 6 — Acompanhado. Transpire. 7 — Meigo. 8 — Inscreve. 9 — Objectos inanimados. Prefixo que designa direcção. 10 — Falhara. Poeira. 11 — Maligna. Graves.

VERTICAIS: 1 — Diante. Entre nós. Um cento. 2 — Pertencem. Benigno. Agora. 3 — Provoco. Frequentar. 4 — Prefizo que designa três. Rasteiras. 5 — Lugar da antiga Atenas onde os poetas e os músicos se faziam ouvir. Interjeição de afirmação e satisfação. 6 — Patranha. Tributar com sisa. 7 — Intrometidos. 8 — Vassourou o forno depois de aquecido. Cobre. 9 — Pacatos.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1956

HORIZONTAIS: 1 — Sãs. Sorvo. 2 — A. Éter. És. 3 — Camada 4 — Ai. Pó. Eco. 5 — Presumi. 6 — S6. An. Dá. 7 — Eu. Idas. 8 — MEN-TIRA. É. 9 — Proa. Iris. 10 — Rir. Dada. 11 — Elara. Oso.

VERTICAIS: 1 — Saca. SEMPRE 2 — Aipo. Eril 3 — Sem. Enora. 4

QUEM CANTA

seu mal espanta...

Águas do rio são prantos,
Prantos dos olhos são águas:
Quem quiser chorar amores,
Há-de ter cantado mágoas.

ANTÓNIO GRANJO

DIZ QUEM SABE

SE a nobreza é virtude, perde-se por tudo quanto não é virtude; e se não é virtude, pequena coisa é.

LA BRUYÈRE

* Virtude sem trabalhares e padeceres, não a verás tu jamais com os teus olhos.

PADRE MANUEL BERNARDES

* A virtude é mais perseguida pelos maus do que ançada pelos bons.

CERVANTES

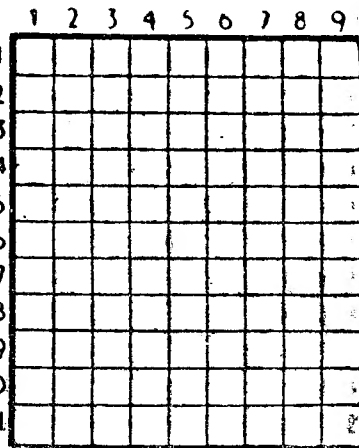
— Tape. Uta. 5 — Sedosa. Da. 6 — Ora. Uniria. 7 — Em. Dardó. 8 — VENCIDA. Ias. 9 — Os. Ases. (Provérbio: A MENTIRA É SEMPRE VENCIDA).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4004

HORIZONTAIS: 1 — Classe de tropa. Trame. 2 — Pista. 3 — Preposição. Fileira. Utensílio. 4 — Fluido aeriforme. Unidade de trabalho. 5 — Junta. Renque de árvores. 6 — Reles. 7 — Diabo. Assim seja. 8 — Patroa. Fracção da unidade. 9 — Siga. Reso. Figura. 10 — Amacia. 11 — Dique. Rio da Crimeia junto do qual Ingleses e Franceses derrotaram os Russos.

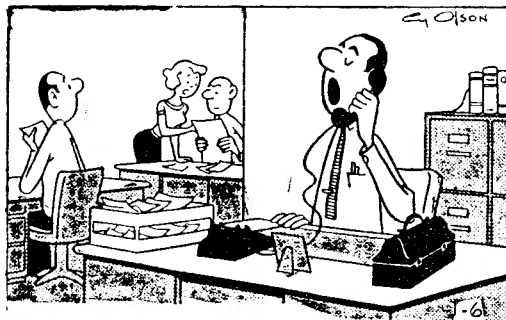
VERTICAIS: 1 — Casa onde se guarda o vinho. Nome de homem. 2 — Logo que, Nome de mulher. 3 — Nociva. Nota musical. Imperfeita. Antes de Cristo. 4 — Lavra. Pai da mãe. Olé! 5 — Pronome pessoal. Julguei. 6 — Ligue. Pega. Sufixo que designa abundância. 7 — Ba-tráquio. Artigo definido (ant.). Ruim. O mais. 8 — Salário de soldado. Nome de mulher. 9 — Arma curta maior que o punhal. Ópera de Bellini.



Solução do problema n.º 4003

HORIZONTAIS: 1 — Camaleão. 2 — Ares. Vã. 3 — Lãs. Dã. VI. 4 — Mi. Pã. Vem. 5 — Miara. 6 — Recarga. 7 — Caves. 8 — Ida. Cã. Ar. 9 — Mã. Mó. Ala. 10 — Pi. Dias. 11 — Demerara.

VERTICAIS: 1 — Calma. Cima. 2 — Arai. Rada. 3 — Mês. Ceva. Pé. 4 — A's. Cê. Mím. 5 — Damas-dado. Nome de mulher. 9 — Arma curta maior que o punhal. Ópera de Bellini.



—Hoje vou almoçar contigo, João. Minha mulher está em maré de economias...

A exposição de Gangin triunfa em Munich

A exposição de Gangin, organizada em Munich, bateu todos os «records» de entradas: em três semanas, foi visitada por 50 mil pessoas. A primeira edição dos catálogos esgotou-se em poucos dias.

Escolha o seu frigorífico definitivo!...



PHILCO



Reservou o novo modelo 11 RS 03 de capacidade de 11 pés cúbicos para trocar SÓ durante o mês de MAIO por qualquer frigorífico velho de todas as marcas em condições vantajosas.

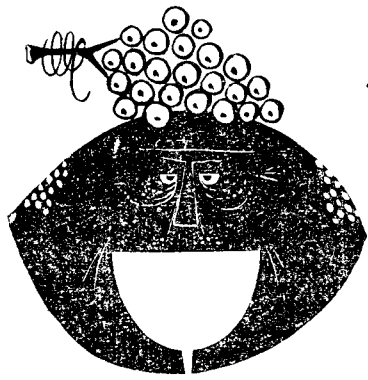
TODO o frigorífico velho tem o seu valor e proporcionará a aquisição do famoso PHILCO de tamanho Familiar

Consulte um revendedor autorizado PHILCO

REPRESENTANTES GERAIS PARA PORTUGAL
ARNALDO TRINDADE & C.ª, L.ª
APARTADO 139 — PORTO

CONCESSIONÁRIOS NO SUL
DINIZ M. d'ALMEIDA, LDA.
AV. DA LIBERDADE, 214-LISBOA

bons vinhos só são possíveis com uvas de castas seleccionadas



Serradaryres

é um vinho puro

DISTRIBUIDORES PARA LISBOA:
J. A. DA COSTA PINA — RUA DO ALECRIM, 69

PARA A PROVINCIA:
COSTA PINA & VILLAVEDE, LDA. — RUA DO BOMJARDIM, 420. — PORTO

“Konac”

o novo cavalo
do major H. Calado
estrepou-se como vencedor

O 49.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa, iniciado no último domingo, com as provas do 2.º dia «acertou ontem o passo». Estava em atraso a prova que deveria ter inaugurado o certame no último sábado e que não se efectuou por motivo da chuva e os organizadores fizeram-na disputar ontem entre as competições dos 3.º e 4.º dias do Concurso. Era, de facto, o dia mais indicado para pôr o certame em dia. Acertou-se, pois, o calendário com uma decisão acertada.

O programa de ontem esteve limitado à prova «Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo» que mais não foi do que a «Omnium».

A prova teve interesse, com a presença de 36 concorrentes não tantos como, possivelmente teria no sábado. Naturalmente, cada dia de provas, por isto ou por aquilo provoca baixas. O percurso estava bem armado e sem «ratoeiras». Depois há que acrescentar que a locução ontem confiada ao cap. Jorge Matias, foi incomparavelmente melhor do que a das duas reuniões anteriores. Sentiu-se logo que essa missão se ocupava uma pessoa com conhecimentos e que tem amor pelo hipismo.

O despique teve duas fases: a 1.ª, segundo a tabela A sem cronómetro; a 2.ª, uma «barrage» à tabela A, com cronómetro, entre os que na fase anterior tivessem igual pontuação do primeiro. Ora sucedeu que o major Henrique Calado, no «Caramulo», fez o primeiro percurso «limpo», que repetiu depois no «Konac» e teve imitadores no ten-cor. espanhol Espinosa de los Monteros, no «Mister B» (que na véspera fora por duas vezes desclassificado) e no cap. Alvaro Sabbo, na «Panoplia».

Como sempre nestas circunstâncias, a presença de um espanhol despertou emoção.

Necessariamente que a «barrage» foi disputada pela ordem acima indicada, que, decididamente não era a mais favorável para o major Henrique Calado. Todavia, o nosso consagrado cavaleiro, com 4 pontos no «Caramulo» e 1/2 ponto no «Konac» (por excesso de tempo) cometeu a proeza (se isto constitui proeza em Henrique Calado) de ganhar o 1.º e o 2.º prémios. «Mister B», com 8 1/2 p. e «Panoplia» com 16 3/4 classificaram-se a seguir.

Entre os que não puderam ser admitidos na «barrage» houve, ainda, percursos que se viram com agrado, como o do com. Dominguez Manjori, no «Gran d'Espagne». Ana Maria Ribeiro Ferreira, no «High Society» e o cap. Ivens Ferraz, no «Scaramouche» foram dois conjuntos que nos pareceram em fase de progresso.

DIAMANTINO DIAS

OS DIRECTORES

do Sporting da Covilhã
demitiram-se

COVILHÃ, 19 (Pelo telefone).—Atendendo à grave crise financeira que o Sporting Clube da Covilhã atravessa, o presidente da direcção, sr. Ernesto Cruz, apresentou o pedido de demissão ao presidente da assembleia geral, sr. José Ranito Baltasar, actual presidente do Município. Os restantes membros da direcção ao ter conhecimento do facto reuniram-se e resolveram pedir colectivamente a demissão. No entanto, manter-se-ão no seu posto até resolução superior.

A VOLTA À ITÁLIA

começou a ser disputada

ROMA, 19 — 140 corredores partiram hoje às 10 e 30 (T. M. G.), para a primeira etapa da 43.ª Volta à Itália, em bicicleta, considerada o segundo acontecimento desportivo mais importante em ciclismo, a seguir à Volta à França.

A Volta à Itália começou este ano em Roma, seguindo a caminho de Nápoles para acabar em Milão, e durará 24 dias em que os corredores, divididos em catorze equipas de dez homens cada uma, percorrerão o total de 3 503 quilómetros, divididos por 23 etapas.

Estão representadas nove nações. — (A. N. I.).



Ferenc Puskas, a grande figura do encontro e autor de quatro golos

DESPORTOS

REAL MADRID, 7-EINTRACHT, 3

O forte conjunto espanhol ganhou pela 5.ª vez consecutiva a Taça dos Campeões Europeus

por THOMAS HORNFIELD

GLASGOW, 19. — O Real Madrid conquistou ontem a Taça dos Campeões Europeus, pela quinta vez consecutiva, batendo o Eintracht, de Frankfurt, por 7-3, perante 135.000 espectadores, no Hampden Park.

O encontro foi, acima de tudo, um triunfo pessoal para Ferenc Puskas, que com os seus 33 anos tem sido, por vezes, esquecido. Marcou quatro golos e participou em todas as jogadas importantes da equipa.

Ao terminar o encontro, o Real recebeu uma das maiores ovações que até agora lhe foram prestadas. E essa saudação — o «rugido de Hampden», como é conhecida — voltou a soar quando os jogadores do Madrid deram a volta de honra, conduzindo a Taça acima das cabeças.

Os primeiros minutos do jogo, no entanto, foram de apuro para os madrilenos. No momento, porém, em que assentaram jogo e começaram a dominar o esférico, deixou de haver qualquer dúvida quanto ao vencedor do encontro — era uma questão de tempo.

Puskas e Di Stefano — os dois elementos mais idosos da equipa, mas os dois mais influentes no rendimento global — abriram a cartilha do bom futebol e começaram a deleitar os espectadores. No final, tinham repartido entre ambos os golos da equipa: 3 para o antigo argentino, 4 para o antigo húngaro.

Puskas, o flagelo

A vitória do Madrid assentou em três méritos: extrema precisão das passagens, rápida troca de lugares e facilidade e frequência de remates.

Do defesa ao ponta, todos os elementos serviam a bola jogável — a isso tornava simples todos os movimentos.

Pelo seu lado, os alemães, utilizando processos que são de bom nível, eram surpreendidos pelo movimento global e pelo completo

domínio de bola da equipa adversária.

Os avançados do Real Madrid, especialmente, moveram-se com facilidade — nunca dando tempo aos defensores contrários de recuperarem, depois de batidos. Por isso, alguns golos do Madrid foram alcançados quando o Eintracht «parecia» ao ataque, bem iludido pelo movimento de recuo do Real Madrid.

Puskas, o jogador que chegaram a declarar acabado, foi nesse aspecto um verdadeiro flagelo. E o jogo converteu-se em pesadelo para o encarregado de marcar, Hans Weilbacher, que poucas vezes o conseguiu seguir mais de um ou dois minutos. A forma como rematava à baliza, por vezes a 30 metros, com potência e colocação, jamais fora vista no Hampden Park. E o grande Loy, embora batido sete vezes, evitou, só de Puskas, quatro ou cinco remates que pareciam golos certos.

Di Stefano, que não correu nem metade do que correu Puskas, foi uma ameaça constante. Walter Eigenbrodt teve de abandonar repetidamente a sua posição habitual para cobrir o avançado-centro espanhol. E esse facto enfraqueceu a defesa em muitos lances.

Os restantes avançados deram boa réplica. Gento, em especial, foi um «ponta» rápido e oportuno, de cujos pés saíram centros que deram golos.

A defesa madrilenha não atingiu o nível do seu sector atacante. Mas serviu-lhe de base, depois de um começo oscilante. O modo como resolveu algumas situações difíceis e como construiu ataques a partir da zona da baliza foi notável.

Só Santamaria teve preocupações, mesmo com a equipa ao ataque, dadas as características especiais de combatividade de Stein, que nunca abandonou.

Os alemães merecem louvor pela forma demolidora como começaram o encontro e pela vontade que sempre demonstraram, mesmo

quando a vitória já nitidamente lhes fugira.

O melhor elemento foi Kress, ao passo que Lindner, com um bom começo, depois se perdeu. Loy, na baliza, combateu sempre e evitou uma avalanche de golos.

Ficha técnica

Sob a arbitragem do escocês J. A. Mowat, as duas equipas alinharam:

REAL MADRID — Dominguez, Marquitos, «Pachin», Vidal, Santamaria, Zarraga, «Canário», Del Sol, Di Stefano, Puskas e Gento.

EINTRACHT DE FRANKFORT — Loy, Luiz, Hofer, Weilbacher, Eigenbrodt, Stinka, Kress, Lindner, Stein, Pfaff e Meier.

O 1.º golo foi marcado por Kress, aos 20 minutos. Di Stefano, sobre

passagem de Canário, igualou, seis minutos depois, para o mesmo jogador, aos 29 minutos, colocar o marcador em 2-1. A um minuto do intervalo, Puskas fez 3-1.

Na segunda parte, Puskas elevou para 4-1, transformando um «penalty». O mesmo jogador marcou os 4.º, 5.º e 6.º tentos, aos 9, 15 e 25 minutos, o 4.º resultante de uma grande penalidade.

Stein, aos 27 minutos, diminuiu para 6-2, mas pouco depois Di Stefano fez 7-2. Aos 30 minutos, Stein conseguiu o 3.º golo do Eintracht.

A VOLTA A MARROCOS, EM BICICLETA

Os corredores portugueses todos em bom plano dominaram no primeiro terço

por P HILIPPE LAOUREUX

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

MARRAQUEXE, 19 — Terminado o primeiro terço da Volta a Marrocos, em bicicleta, não restam dúvidas de que a equipa portuguesa foi a grande dominadora destes seis dias iniciais — «mandando», executando e defendendo bem, em qualquer fase da prova. Mesmo o dia em que maior fraqueza mostrou — no contra-relógio por equipas, de Essaouira — não foi, de modo algum, dia de desgraça para os Lusitanos.

Não apareceu até agora em prova qualquer conjunto que se lhe assemelhe. Tem a equipa da França procurado, nos últimos dias, aproveitar o estímulo que lhe deu a vitória no contra-relógio e a consequente passagem ao primeiro lugar da classificação; mas não acertou, ainda, na posição exacta dos seus elementos, que se aglomeram num momento para a seguir faltarem, onde seriam necessários, nem conseguiram impor-se como conjunto.

Poderia registar-se qualquer modificação de vulto se os Lusitanos se inferiorizassem, fisicamente. Também nesse aspecto, porém, as coisas estão praticamente normais. Azevedo Maia, o único que teve uns princípios de embaraços gástricos e intestinais, está recomposto e já tem começado a dar boa conta de si. Dos restantes, não há qualquer mazela de monta a registar, além de algumas queimaduras de pouca importância, nas pernas e braços, em Manuel Simões e Antonino Baptista. Pedro Junior e Alves Barbosa estão de pedra e cal — notando-se, até, em ambos, uma ansia de correr, uma «fome de estrada», que muito os ajuda as suas actuações.

Dos cinco, Alves Barbosa é, incontestavelmente, o mais forte. Segue-se, em mérito e potência, Antonino Baptista. Só depois vem António Pedro Junior — que está a suprir com boa forma física e uma certa dose de nervos tudo quanto lhe pode faltar. Entre Manuel Simões e Azevedo Maia, parece-nos o primeiro menos experiente mas mais animoso, ao passo que o segundo, mais potente, só agora começa a acreditar nas suas possibilidades — e principalmente nas da equipa.

* * *

Quanto as etapas que vão seguir-se, a amostra que os Portugueses deram das suas possibilidades de escaladores, na tirada com que se encerrou a primeira fase da Volta, é mais do que elucidativa: arrancaram os três primeiros lugares no Prémio da Montanha, mantiveram

a chefia da classificação geral com dois elementos e ganharam a etapa. Parece que pouco mais se poderia pedir.

A tirada de hoje, até à Kasba Tadda, corre-se por terreno ondulado com algumas elevações que não chegam, realmente, para esgotar. É uma prova, no entanto, que pode provocar grande desgaste, visto que obriga os corredores a mudar repetidamente de ritmo, com pedaços que os rolam, outros em que escalam e outros em que descem. Embora não seja difícil é uma etapa de desgaste.

Amanhã começam as etapas de montanha, propriamente ditas. Regista-se um só dia sem contagem para o Prémio da Montanha, mas esse é o contra-relógio individual, de Mequinez a Fez — 60 quilómetros por estrada cortada de subidas e descidas, cheia de lombas.

«Não há razões para desânimos» — afirma Ivo Neves

Ivo Neves — que não gosta dos dias de descanso, considerando-os perniciosos aos ciclistas — está inteiramente convencido de que os seus rapazes chegarão ao fim nas melhores posições:

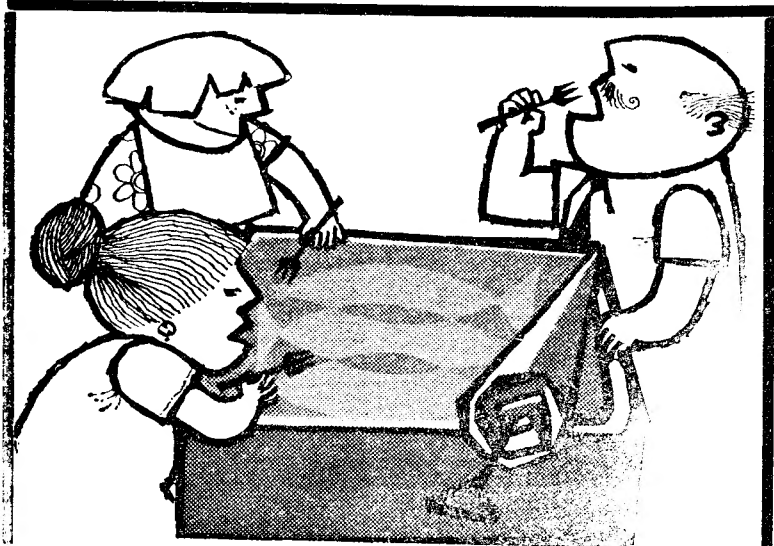
«Repore que, até agora, ainda não se registou um único dia, além do da segunda tirada, em que um dos nossos descesse — por pouco que fosse. A subida tem sido firme e regular, em parte por mérito próprio, em parte aproveitando as fraquezas de outros. Temos os cinco corredores nos quinze primeiros — e a tendência é para melhorarem, sendo de calcular que dentro de umas três a quatro etapas os cinco se situem na primeira dúzia. Não há razões para desânimos».

Falamos da montanha que os aguarda:

«Talvez não haja, entre os nossos, o que se chama um especialista da montanha. Mas também nenhum deles tem dificuldade de maior a subir. Sendo assim, não espero que qualquer deles consiga ganhar com avanço importante uma etapa, mas também não creio que qualquer fique atrasado, a ponto de perder contacto com os primeiros a entrarem na meta. As contagens para o prémio da montanha nem sempre lhes pertencerão. Mas, no conjunto, a equipa pode marcar posição muito apreciável».

Falamos dos adversários. Responde:

«Há muito bons elementos, nesta caravana. Mas os nossos têm conseguido mostrar-se melhores. É tudo o que há a dizer».



alimenta mais
custa menos...

**ATUM
BOM
PETISCO**

UMA REFEIÇÃO ECONÓMICA
E SAUDÁVEL

Pega em toda a parte o atum BOM
e farás pratos deliciosos
MORE ONDE MORAR...
VIVA ONDE VIVER,
SÓ BOM PETISCO DEVE COMER!

A venda em todo o País



BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 19 de Maio de 1930 a notícia da morte do dr. João Arroio, notável orador desde os tempos de Coimbra, ministro e parlamentar fogaço, monárquico que se transformou em acusador do rei D. Carlos e que, proclamada a República, abandonou a actividade politica. Compôs duas óperas, «Amor de Perdição», cantada em São Carlos; e «Leonor Teles» que ficou inédita.

EFEMERIDES

No dia 19 de Maio de 1558 ficou destruída a Armada Invencível de Filipe II.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Programa «A»: 451 m. — 655 kc./s. — Programa «B»: 397 m. — 755 kc./s.

Programa «A» — A's 18: Notícias e danças; 18 e 45: Canções anglo-americanas; 19: 1.º desdobramento — Palestra da série Defesa Nacional, «A Defesa das Vias de Comunicação Marítimas»; 19 e 10: Concerto, pelo sexteto de cegos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30: Alvorada, programa juvenil; 19 e 50: Intervalo musical; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Palco e «écran»; 20 e 30: Festa tropical; 20 e 45: Varanda da Europa, crónica do correspondente especial da E. N., em Paris; 21: Junção dos emissores — Noticiário — Comentário; 21 e 20: 2.º desdobramento — Solos de instrumentos; 21 e 30: Raul Nery e o seu conjunto de guitarras; 21 e 50: Cantata Mara Abrantes; 22: Teatro das Comédias: «Lentes Molhadas em Olhos de Gentes»; 22 e 40: Tempo de valsa; 22 e 55: Vozes do Mundo, revista mundial de som; 23 e 15: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores — Noticiário; 0: Encerramento.

Programa «B» — A's 19: Viagens ao mundo da arte; 19 e 30: Vozes imortais: Cinco canções, de Duparc, pelo barítono Gerard Soupay; 19 e 50: Noticiário regional; 20: «Sinfonia n.º 3», de Ernest Bloch, pela Orquestra Sinfónica de Pittsburgh, dirigida por Steinberg; 20 e 30: Musica coral de camara: «Espanha de hoje», pelo grupo coral de camara de Pamplona, dirigido por Morondo; Coros, de Bartok, pelo coro do Conjunto Popular do Estado Hungaro, dirigido por Csenki; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Desdobramento — Recital de piano, por Janine Dacosta; 21 e 50: Estética contemporânea; 22: Canta o barítono Paolo Silveri; 22 e 25: Antologia sonora: «Concerto grosso, em si bemol maior, n.º 6», de Geminiani, pela Orquestra I Musici; 22 e 45: Quinzenário musical; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 15: Teatro invisível; 17 e 46: Solistas; 19: Variedades; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 21 e 45: Orquestras; 22: Hot Club; 22 e 30: Curso de lingua inglesa; 22 e 40: Imagens por musica; 23: Conjuntos; 23 e 15: Ritos de baile, do Pasapoga; 23 e 30: Musica do Brasil; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 17 e 55: Reabertura; 18 e 15: Musica regional portuguesa; 18 e 30: Ritos de baile; 19 e 15: Intermédio musical; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Orquestras e vocalistas; 20 e 30: Curso de lingua inglesa; 20 e 45: Lendas da nossa terra; 21: Noticiário; 21 e 15: Melodias; 21 e 30: Palestra de lingua portuguesa; 21 e 45: Programa «Jazz»; 22 e 15: Leitura; 22 e 45: Cozinha alentejana; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 30: Orquestras ligeiras; 0: Ritos de baile; 0 e 28: Sumário; 0 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18: Musica ligeira; 18 e 20: Migalhas doutrinais; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 10: Programa da J. A. C.; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Franga, Horizonte do Mundo; 20 e 15: Separador; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Carrilhão — Variedades; 21 e 30: Quando o telefone toca; 22 e 30: A musica e os artistas; 22 e 50: Noticiário; 23: A 23.ª hora; 0: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS —

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

ANIBAL - Gravador

A casa que melhor trabalha

Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 às 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

As 20 e 30, abertura; 20 e 32, teletjornal (1.ª edição); 20 e 50, Culínaria; 21 e 10, Jornal da Mulher; 21 e 20, «A Revolta dos Escravos», original de Armando Vieira Pinto; 22, «Os quatro homens justos»; e «Mayas», com Vittorio de Sica; 22 e 30, transmissão dos Estudos do Porto: António Pedro conversa sobre Teatro; 22 e 50, teletjornal, (2.ª edição).

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNIO I: União—Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 780092; Vitex — Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos — Ruas Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 — Tel. 790480; Douro — Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B — Tel. 791131; Brasília — Avenida Rio de Janeiro, 66-68-A — Tel. 722368; Aroporto (Do) — Avenida do Aroporto, lote 318, loja D, — á Avenida D. Rodrigo da Cunha — Tel. 722384; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; São João de Deus — Rua Pedro Ivo, 1-A/B, Tel. 725140; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 53-D-E — Tel. 771661; Avenidas (Das) — Avenida da Republica, 27-A — Tel. 733688; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Universal — Rua Actor Tabor, 5-7 — Tel. 41158 — A — Im-

pério, Lda. — Rua Filipe Foique, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; Pereira, Suc. — Rua do Paraíso, 98-100, Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; Brinquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel. P. C. 728395-720703; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A — á Alameda — Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Lda., Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Lda. — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B, B. da Liberdade, T. 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Pinheiro Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 686640; Urbano de Freitas — Rua Silva Carvalho, 1-9 — Tel. 662838; Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Tel. 669455; Bom Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 611454; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Dilena — Rua Aliança Operária, 49-A-B, Tel. 636620; Costa — Rua dos Lusíadas, 32, Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa,

94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Cortez — Rua de São Nicolau, 93, Tel. 25378.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR
Dia 19 — 23 e 2 (3.ª, 56).
Dia 20 — 11 e 48 (3.ª, 47).
Dia 21 — 0 e 8 (3.ª, 65); 12 e 47 (3.ª, 63).

BAIXA-MAR
Dia 20 — 5 e 22 (1.ª, 34); 17 e 40 (1.ª, 46).
Dia 21 — 5 e 16 (1.ª, 21); 18 e 40 (1.ª, 29).

CONFERÊNCIAS

Esta noite haverá as seguintes conferências: do engenheiro José Vicente de Jesus Carvalho C. rdo., na sede da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros, na Avenida António Augusto de Aguiar, 3-D, sobre «A cartografia dos solos do continente metropolitano e da sua capacidade de uso»; do dr. Dias Marques, no curso prático de Direito que se inaugura na Ordem dos Advogados; do sr. Correia Mendes, na Casa dos Estudantes do Império; da sr.ª D. Maria Cabedo Cardoso, no Centro de Profilaxia; e do administrador da «Incrémentum» na Rua de Santa Marta, 58, 3.ª, sobre «Vendas a prestações, sua defesa e sua expansão».

RECITAL DE MÚSICA

Hoje, ás 21 e 30, o distinto músico Rafael Couto dará um recital de musica, na sede da Cooperativa de Consumo Fraternidade Operária Adjundense.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, haverá um baile, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225, abrilhantado pelo conjunto musical «Napolitano».

CARTAZ DO DIA

TEATROS
NACIONAL — A's 21 e 45 — «Entre giestas».
TRINDADE — A's 21.30 — «Leonora Teles».
MONUMENTAL — A's 21.45 — «Eu não sou eu».
AVENIDA — As 20 e 45 e ás 23 — «Esta bonita a brincadeira».
ABC — As 20 e 45 e ás 22 e 45 — «Acerta o passo».

CINEMAS
SÃO LUÍS — «Começou com um beijo».
TIVOLI — «Segredos da noite».
S. JORGE — «Salomão e a rainha do Sabá».
IMPERIO — «O primeiro amor».
EDEN — «O cantor e a bailarina».
MONUMENTAL — «O professor azarento».
POLITEAMA — «Viagem ao centro da Terra».
ODEON — «Totó na Lua».
CONDES — «Cantinfias no inferno».
ALVALADE — «Começou com um beijo».
AVIS — «Marinheiros em terra».
ROMA — «O inspector Maigret».
RETELO — «A flor que não morreu».
COLISEU — «A batalha do Rio da Prata».
OLIMPIA — «Os guerrilheiros».
IDEAL — «Fim-de-semana no ascensor».
PROMOTORA — «A saída e por aqui».
JARDIM — «A geração rebelde».
CAMPOLIDE — «Gangsters do pino verde».
CINE-MOSCAVIDE — «Enfrentando o perigo».
ODIVELAS-CINE — «Passageira clandestina».
S. JOSÉ (Sacavém) — «As grades do inferno».

«Afonso de Albuquerque»

O aviso «Afonso de Albuquerque» chegou a Yokohama, procedente de Pearl Harbour, na passada 2.ª feira, dia 16, devendo largar para Hong-Kong, com os cadetes do curso «D. Lourenço de Almeida», amanhã, ás 15 horas.



Tem Prisão de Ventre?

BEBA
AGUA DO MOU-CHÃO DA PÓVOA
Regularizador das funções intestinais
Laxativa
Dep. Geral: Conde Barão 48
Telefone 664378

VISITA A EVORA do subsecretário do Exército

EVORA, 19 (Pelo telefone) — Em visita ás unidades militares da 4.ª Região Militar chegou hoje de manhã a esta cidade o sr. tenente-coronel Costa Gomes, subsecretário de Estado do Exército, acompanhado pelo sr. general Lopes Pires, coronel Araújo Silva, major Ascensão e ajudantes de campo. No quartel-general prestou honras militares uma companhia do Regimento de Infantaria 16 com bandeira e banda, apresentando cumprimentos os srs. general Alves de Sousa e brigadeiros Pinto Oliveira, 1.º e 2.º comandantes; tenente-coronel Ramalho Correia, chefe do Estado-Maior; coronéis Correia Vilarinho e Manuel Jesus Ramos, respectivamente comandantes de Infantaria 16 e Artilharia 3; capitão-médico dr. Vieira Lopes, director do Hospital Militar n.º 4, e vários oficiais. Findos os cumprimentos, o subsecretário de Estado do Exército percorreu as instalações do quartel-general, seguindo de ali para o quartel do Regimento de Artilharia 3, onde foi servido um almoço.

A tarde visitará aquele membro do Governo o quartel de Infantaria 16 e o Hospital Militar n.º 4, seguindo amanhã para Elvas, de visita aos quartéis do Regimento de Lanceiros e do Batalhão de Caçadores 8 e, á tarde, seguirá para Estremoz, onde visitará o quartel de Cavalaria 3, e ainda para Beja, onde, no dia 22, visitará o quartel do Regimento de Infantaria 3.

Caíu por uma escada e morreu

SÃO JOÃO DA PESQUEIRA, 18 — Na sua residência, na Rua da Albergaria, foi encontrada já sem vida a sr.ª Maria Adélia Amaral, de 63 anos, casada com o sr. António Duarte, guarda de uma quinta do sr. António Augusto Moraes.

A infeliz mulher era muito doente do coração, supondo-se que uma síncope a fizesse cair pela escada, onde, ao fundo, uma vizinha a foi encontrar já morta. Tinha o cranio fracturado e estava cheia de sangue. O acontecimento impressionou a população. Não houve crime. A infeliz tem dois filhos casados e em Lisboa três filhas também casadas; mas vivia uma grande parte dos dias sózinha.



Fernando Mário Gonzalez Neto

FALECEU

Maria Celia de Almeida Neto e filho, Alice Maria Gonzalez Neto Pires e seu marido Alípio Pires, Alvaro Pires e sua mulher, Maria Alice Pires Cruz e seu marido, e mais família, participam o falecimento de seu querido marido, pai, filho, irmão, cunhado e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 8.30 horas, saindo da igreja de S. Mamede para jazigo no cemitério do Estoril.

AGÊNCIA MAGNO



S. JOÃO DO ESTORIL



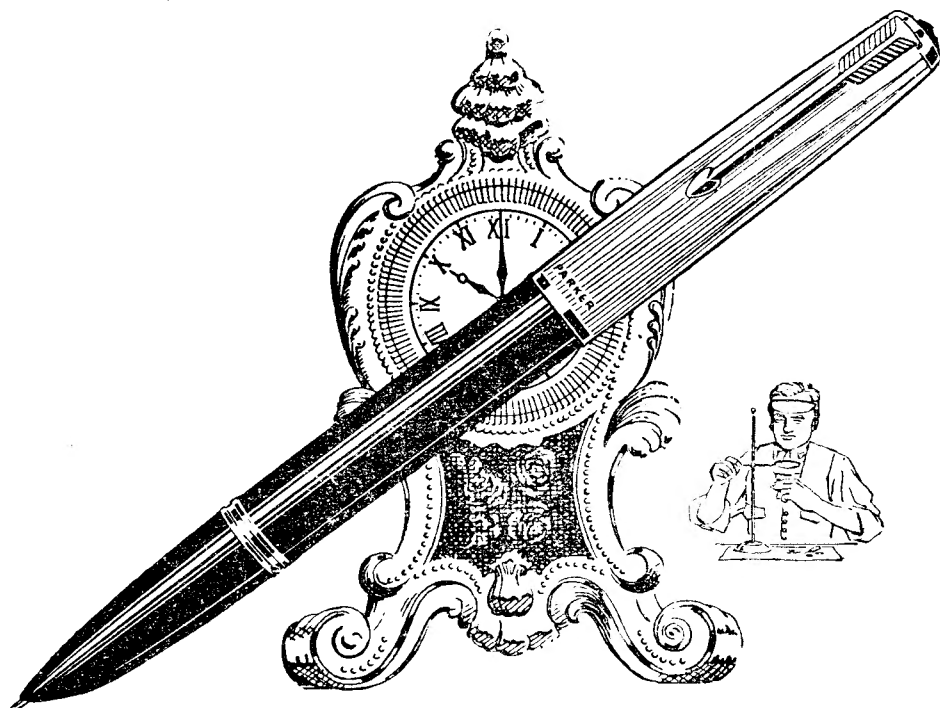
FERNANDO MÁRIO GONZALEZ NETO FALECEU

A gerência da TABACARIA BAMBÍ, LDA., com profunda mágoa participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu sócio-gerente e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 8.30 horas, da Igreja de S. Mamede, para o cemitério do Estoril.



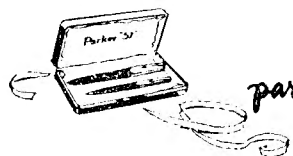
ARTE E PERFEIÇÃO

... na famosa tradição Parker



Tal como os artífices do passado, os técnicos modernos trabalham com infinito cuidado e sentido artístico para criar a caneta mais desejada no mundo, a Parker «51». Este fabrico cuidadosíssimo aliado a uma precisão técnica e a novos materiais mais resistentes e duradouros, produz a caneta Parker «51»... respeitada em todo o mundo pela alta eficiência da sua escrita!

No. 9-5421



para si... ou como presente... Parker "51"

UM PRODUTO DE THE PARKER PEN COMPANY

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:

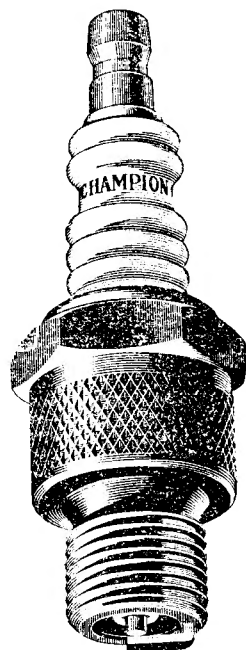
VIALGA, Representações SARL — Av. António Augusto de Aguiar, 90-7.^o
Telef. 733254 — LISBOA

CHAMPION

A VELA FAVORITA DO MUNDO

ISOLADOR DE
5 RESSALTOS
(MELHOR ISOLAMENTO)

ELECTRODOS
POWERFIRE
(MAIOR DURAÇÃO)



As melhores na terra, no ar e no mar

REPRESENTANTES

C. SANTOS LDA.

29. AV. DA LIBERDADE, 41 — LISBOA
PORTO · COIMBRA · BRAGA · OLHÃO

Automóveis de aluguer sem condutor

ÚLTIMOS MODELOS

Com seguro contra todos os riscos incluindo condutor e passageiros

Para turismo, viagens de negócios e seu uso particular

ALUGUE UM AUTOMÓVEL PARA CONDUIZIR
COMO SE FOSSE SEU

STAND FONSECA

RUA DO TELHAL, 12-A — Telefones 49701 - 41076 — LISBOA - 2

YBARRA & C., S. L.

SEVILHA

PARA:

AMERICA DO SUL

CABO
SAN ROQUE

23 MAIO

Tenerife
Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

PARA:

MEDITERRÂNEO

CABO
SAN VICENTE

30 MAIO

Algeciras
Barcelona
Marselha
Genova

OS AGENTES:

Em Lisboa:

AGENCIA MARITIMA
TRANSATLANTICA, LDA
Rua do Alecrim, 20-A. 1
Telefone 27264

No Porto:

KENDALL, PINTO BASTO
& C., LDA.
Rua Nova da Alfandega, 1.
Telefone 2 61 46

Móveis

COMERCIAIS E DOMÉSTICOS
DE TODOS OS ESTILOS, ES-
TUFOS E DECORAÇÕES

Encontra V. Ex. nos nossos esta-
belecimentos em exposição, ou exe-
cutamos nas nossas oficinas próprias
por preços acessíveis. Trocamos mó-
veis usados e facilitamos pagamento

ARMAZENS DE MÓVEIS
JORGE

Av. Almirante Reis, 35 (aos Anjos)
ARTIS, Rua Maria Andrade, 64
DECORÁLIA, Av. Almirante
Reis, 186 (frente ao Cinema Império)

VAI A SINTRA?

Para ALMOÇAR, LANCHAR ou JANTAR,
procure a melhor casa

TIROL DE SINTRA

RESTAURANTE — PASTELARIA

com óptimo e abundante serviço

AV. HELIODORO SALGADO, 5 A 9
TELEF. 980505 — 980556

SINTRA

POR

100\$00!!!

MENSAIS

UM

FRIGORÍFICO

OPORTUNIDADE ÚNICA!

«CAMPAÑA DA PRIMAVERA»

EXPOSIÇÃO IMA L

R. Castilho, 235-A — Telts. 686813 e 688837

MOTORES

Petter

DIESEL 1,5 A 100 CV • PETRÓLEO 1,5 A 9 CV

GRUPOS MOTO-BOMBAS



ALFREDO ALVES & C. (FILHOS)

BOQUEIRÃO DO DURO, 38 - LISBOA - TELEF. 66 47 88